

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/RADIALISMO

REBECCA KESLEM SOUSA FERREIRA

A EDUCOMUNICAÇÃO EM FICÇÃO SERIADA: um estudo de caso de **N** SÉRIE SEX EDUCATION

SÃO LUÍS
2019



REBECCA KESLEM SOUSA FERREIRA

A EDUCOMUNICAÇÃO EM FICÇÃO SERIADA: um estudo de caso de *Sex Education*

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social/Radialismo da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Radialismo.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Rakel de Castro Sena.

SÃO LUÍS

2019

F383e Sousa Ferreira, Rebecca Keslem.

A educomunicação em ficção seriada: um estudo de caso de Sex Education / Rebecca Keslem Sousa Ferreira. - 2019.

74 p.: il. color.

Orientadora: Patrícia Rakel de Castro Sena.

Monografia (Graduação) - Curso de Comunicação Social/Radialismo, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

1. Audiovisual. 2. Educomunicação. 3. Sex education. 4. Sexualidade.

I. Castro Sena, Patrícia Rakel. II. Título

CDU 371.3

REBECCA KESLEM SOUSA FERREIRA

A EDUCOMUNICAÇÃO EM FICÇÃO SERIADA: um estudo de *Sex Education*

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social/Radialismo da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Radialismo.

Aprovada em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Patrícia Rakel de Castro Sena (Orientadora)

Doutora em Comunicação
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Me. Carlos Benedito Alves da Silva Junior

Mestre em Administração
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Me. Junerlei Dias de Moraes

Mestre em Comunicação
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Foi uma longa jornada até chegar aqui. Mais um ciclo se encerrando e novos caminhos sendo trilhados. Foram tantas histórias, noites sem dormir e dúvidas sobre a minha vida acadêmica que agora toma um novo rumo. Olhando para esses três anos e meio, relembro as tardes e algumas noites que passei na UFMA, especialmente nas salas de aula do curso de Comunicação Social, vejo então, uma menina cheia de sonhos e feliz por estar estudando o que sempre gostou. Agora, ainda com algumas dúvidas, mas que fazem parte da vida, vejo uma mulher segura de si e do seu conhecimento.

Percorrer toda essa jornada não foi fácil, mas com certeza eu faria tudo de novo. Para chegar até aqui com orgulho da minha profissão e de tantas coisas que eu aprendi, contei com a ajuda; o respeito; o carinho e a paciência de pessoas incríveis, que me ajudaram a enxergar o mundo de outra forma.

Assim, agradeço primeiramente aos meus pais, à minha mãe Maria Inês e ao meu pai João Ferreira, pessoas que não tiveram a mesma oportunidade de estudar, mas que mesmo assim lutaram por um futuro melhor para a sua filha.

Agradeço às minhas irmãs Hecila, Kecilla, Esther e Hannah e ao meu irmão Ben. Apesar da distância, sempre pude contar com vocês.

Agradeço à minha grande amiga Letícia Belo, que esteve comigo ainda no período do ensino médio, quando o mundo acadêmico era um futuro distante e desconhecido. Com o seu apoio e companheirismo, tudo se tornou mais leve e feliz.

Agradeço aos meus grandes amigos de turma, Lucas Fonseca, Bruno Sodré, Vilma Santos e, especialmente, a Filipe Lago, que leu e releu esse trabalho como se fosse seu. Sou eternamente grata por ter conhecido vocês e por todas as risadas que tomaram conta das minhas tardes.

À UFMA e o corpo docente do curso Comunicação Social/Radialismo, que me ajudou a moldar, pensar e entender que tipo de profissional e pessoa eu desejo ser. À professora Patrícia Azambuja, uma das responsáveis por uma das minhas maiores conquistas dentro da universidade, o prêmio Expocom.

Agradeço em especial, a minha orientadora Rakel de Castro, que em todas as suas aulas me fez enxergar o mundo de uma nova forma, com paciência, garra e empatia. Nunca esquecerei a sua aula sobre o filme “O Sorriso de Monalisa”, pois naquela tarde, compreendi a grande diversidade do mundo e todas as dimensões que há dentro dele. Você é incrível.

E por fim, agradeço ao Criador que trilhou todo o meu caminho com paz, segurança e determinação.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

(FREIRE, 1996, p. 47).

RESUMO

Este estudo apresenta uma abordagem sobre a Educomunicação sexual por meio do audiovisual, tendo como objeto a série britânica *Sex Education*. Entende-se que o processo educacional precisa ser dialógico, democrático e inovador para que ocorra o desenvolvimento dos sujeitos de forma autônoma e libertadora; introduzindo, ao mesmo tempo, a tecnologia e as mídias como instrumentos de ampliação da expressão e criticidade dos educandos. Objetiva-se compreender a Educomunicação e o seu processo de intervenção por meio de diretrizes como a Epistemologia da Educomunicação, Produção Midiática, Educação para a Comunicação, Pedagogia da Comunicação, Mediação Tecnológica na Educação, Expressão por meio das artes e Gestão da Comunicação; entender o que é sexualidade, como o tema virou tabu social, como pode ser abordado nas instituições de ensino e a importância da sua abordagem na adolescência. Objetiva-se também compreender a participação do audiovisual no ensino escolar e analisar, de forma qualitativa, a série britânica *Sex Education*, relacionando-a com as vertentes educacionais; ao passo de como pode ser utilizada na abordagem de assuntos da educação sexual. Conclui-se que, embora tenha como objetivo inicial o entretenimento, a série *Sex Education* possui elementos educacionais que facilitam o seu uso como ferramenta pedagógica na abordagem da sexualidade para jovens e adolescentes.

Palavras-chave: Educomunicação. Sexualidade. Audiovisual. Sex education.

ABSTRACT

This study presents an approach on Sexual Educommunication through audiovisual, having as its object the British series Sex Education. It understands that the educommunicational process needs to be dialogic, democratic and innovative for the development of the subjects in an autonomous and liberating way, introducing, at the same time, the technology and the media as instruments of expansion of the expression and criticality of the students. It aims to understand Educommunication and its intervention process through guidelines such as Educommunication Sistemology, Media Production, Communication Education, Communication Pedagogy, Technological Mediation in Education, Expression through the Arts and Communication Management; understand what sexuality is, how the theme became social taboo, how it can be approached in educational institutions and the importance of its approach in adolescence. It also aims to understand the participation of audiovisual in school education and to analyze, qualitatively, the British series Sex Education, relating it to the educational aspects, while how it can be used in addressing issues of sex education. It concludes that, although its initial objective is entertainment, the Sex Education series has educommunicative elements that facilitate its use as a pedagogical tool in approaching sexuality for young people and adolescents.

Keywords: Educommunication. Sexuality. Audio-visual. Sex education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Otis atende Adam em banheiro abandonado na escola.....	49
Figura 02 – Kate e Sam listam as qualidades um do outro.....	51
Figura 03 – Tany e Ruthie procuram a ajuda de Otis.....	54
Figura 04 – Ruthie junta-se ao protesto das meninas do seu colégio contra a divulgação de imagens íntimas.....	57
Figura 05 – Após conversar com Otis, Aimee decide conhecer o próprio corpo.....	59
Figura 06 – Otis aconselha Liam a desistir de Lizzie e respeita a resposta da garota.....	61
Figura 07 – Otis e Lily descem colina como exercício de busca de confiança interna.....	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Publicações sobre Educomunicação entre 2017 e 2018	30
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Acquired Immunodeficiency Syndrome
APP ANNINES	App Analytics and App Data Industry Standard
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CIS	Cisgênero
ECA – USP	Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo
HIV	Human Immunodeficiency Virus
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
K – SETE	Cassete – Fórum
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEB	Movimento de Educação Base
MEC	Ministério da Educação
NCE	Núcleo de Comunicação e Educação
PNAD C	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PROERD	Programa Educacional de Resistências às Drogas e Violência
UNE	União Nacional dos Estudantes
UCBC	União Cristã Brasileira de Comunicação
USP	Universidade de São Paulo
UFCG	Universidade Federal de Campinas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	EDUCOMUNICAÇÃO	20
2.1	A Educomunicação no Brasil	20
2.2	Os desafios da Educomunicação	26
2.3	A Educomunicação na atualidade brasileira	30
3	EDUCAÇÃO SEXUAL	34
3.1	A Educação Sexual nas escolas	34
3.2	Adolescência e a sexualidade	38
4	O AUDIOVISUAL	43
4.1	O Audiovisual, Educomunicação e Sexualidade	44
5	METODOLOGIA	48
6	A EDUCOMUNICAÇÃO EM <i>SEX EDUCATION</i>	50
6.1	1º episódio: Ansiedade de desempenho 51:59 e 13:46	50
6.2	2º episódio: Autoestima 49:41 e 17:15	52
6.3	4º episódio: Homossexualismo 46:55, 40:12, 19:03 e 05:17	55
6.4	5º episódio: Revenge Porn 46:47, 42:54, 18:38, 14:45 e 04:05	57
6.5	6º episódio: Masturbação 35:26 e 22:20	60
6.6	7º episódio: Não é Não 51:13, 48:45 e 12:09	62
6.7	8º episódio: Virgindade 52:25, 38:11 e 26:53	64
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
	REFERÊNCIAS	70

1 INTRODUÇÃO

Em uma era na qual os jovens estão conectados por meio da tecnologia e se informam rapidamente sobre tudo, a abordagem de assuntos que até então eram considerados tabus¹ pela sociedade, já não é a mesma. Com o acesso à ferramentas que tornam a aprendizagem mais horizontalizada, falar sobre sexo, aos poucos tem deixado de ser um assunto delicado; tornando-se um assunto essencial para a construção do ser humano, principalmente quando este está na adolescência, fase de descobertas do mundo adulto.

Unir tecnologia com educação é uma prática que se encontra em um processo constante de adaptação, mas que sempre prescindiu a existência de práticas comunicativas. Mais do que utilizar equipamentos nas salas de aula, é preciso que os professores construam um processo dialógico com os alunos, só assim a Educomunicação como método de libertação dos sujeitos estará de fato em vigor.

Relacionar a área da Comunicação e Educação tornando um segmento único iniciou-se no século XX, com reformas educacionais que tentavam deixar para trás um ensino rígido e baseado em uma mão de via única. Nos Estados Unidos e na Europa, percussores da prática, professores e alunos já passavam a ter um contato com a mídia dentro das salas de aula, e a aprendizagem passou a ser uma área crítica, na qual instigar a reflexão e respostas dos estudantes tornava o conteúdo mais rico e de fácil absorção. Foi a reforma educacional americana nos anos 90 que deu maior flexibilidade e independência aos professores permitindo que eles desenvolvessem novas experiências na área (SOARES, 2002a).

Em outra relação, o sexo sempre esteve presente na vida humana, já que é o principal meio da geração dela. Porém, falar sobre ele sempre foi um martírio para pais e professores, que sem técnicas didáticas e presos ao moralismo² afastavam a temática em uma fase crucial do ser humano, a adolescência, período de descobertas sexuais. “A sexualidade é um dos importantes aspectos da adolescência, muito enfatizado não apenas pelos dados já apontados, mas também porque é nessa fase da vida do ser humano que a identidade sexual está se formando.” (CANO *et al.*, 2000, p. 22).

A educação sexual não se resume apenas na abordagem do ato sexual, é um assunto que abarca gênero, machismo, prazeres e preconceitos; estando diretamente ligado com a

¹Freud (1913) destaca que o termo tabu possui dois significados paradoxos: tabu pode referenciar algo que é sagrado ou algo que é proibido, tendo como característica uma aura demoníaca, que produz medo.

²Moral é um sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livres e conscientemente, por uma convicção íntima, e não de uma maneira mecânica, externa ou pessoal (VASQUEZ, 1998, p. 84).

construção do bem-estar da humanidade.

Portanto, a educação sexual, trata-se de um processo de conhecimento que precisa ser conduzido por profissionais que ensinem e reflitam sobre o assunto, orientando jovens e adolescentes, que muitas vezes sem assistência dos pais (ou se antecipando a isso), encontram-se perdidos e reproduzem às vezes comportamentos patológicos, violentos e que não contribuem de fato para uma convivência social mais cidadã.

Partindo desta premissa, é importante destacar o papel social da Educomunicação como sendo um campo teórico e transdisciplinar, tendo como objetivo um espaço educativo autônomo e dialógico, não apenas mecanicista, com a integração de objetos eletrônicos. Assim, percebemos que utilizar a Educomunicação para abordar temas como a sexualidade para jovens³, é uma forma não só criativa, mas também geradora de reflexão. Neste sentido, Freire (1979, p. 40) destaca que a “[...] Teoria e prática são algo indicotomizável, a reflexão sobre a ação ressalta a teoria, sem a qual a ação (ou a prática) não é verdadeira”.

Com isso, a série britânica “*Sex Education*”, produzida pela plataforma de *streaming* Netflix, é uma ferramenta de abordagem do assunto. O audiovisual que tem como público alvo principalmente os jovens, apresenta situações cotidianas e comuns que são afetadas pelo entendimento de sexo pelo público. Os dramas retratados podem ser geradores de debates e uma ferramenta adicional para discutir temas como homossexualidade, sororidade, feminismo, crime virtual e práticas sexuais.

A puberdade é um processo biológico que acontece no corpo humano a partir dos 12 anos de idade. Nesse período, meninos e meninas passam a descobrir o seu corpo e os seus desejos, sentindo curiosidade para entender quem são e como funcionam as práticas sexuais. É também nesta fase que assuntos relacionados à sexualidade, como machismo, preconceitos e crimes virtuais, passam a ser comentados entre os adolescentes, virando pauta de suas conversas.

Segundo Nery *et al.* (2015), o comportamento desenvolvido nesta época, e que tem efeito na construção do ser no futuro, precisa de orientações e reflexões. Porém, pais e professores nem sempre se sentem confortáveis em abordar o assunto, deixando filhos e alunos um tanto órfãos desse tipo de orientação no seio familiar. Assim, esses adolescentes ocultam o que está acontecendo dentro de si, assumindo muitas vezes papéis anômalos.

Nesse contexto, instigar os jovens a externalizarem o que sentem é um processo de reflexão que além de diminuir as tensões da idade, fase de redescobertas sexuais, ajuda no

³O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) define como jovens as pessoas de 15 a 24 anos de idade.

desenvolvimento social deles, levando a construção de uma sociedade comprometida com o exercício da cidadania.

Isto posto, como ocorre as estratégias educacionais por meio de narrativas seriadas como “*Sex Education*”?

Com o surgimento dos recursos midiáticos e tecnológicos, houve uma mudança nos métodos de ensino, que já não se encontram presos a metodologias tradicionais. A sala de aula ainda é um dos principais espaços para que os estudantes expandam e reconstruam os seus conhecimentos, porém este processo de aprendizagem pode e deve ser estendido para outras áreas, como a Educação. Utilizar a mídia como ferramenta de aprendizagem crítica, principalmente na educação de jovens e adolescentes, é despertar de forma dinâmica e construtivista assuntos que não são tratados de forma didática, ou não são tratados.

A educação sexual é de extrema importância para o ser humano. Entender o seu corpo e a diversidade são elementos essenciais para a sua construção e desenvolvimento. Abordar o tema com adolescentes, que se encontram em uma fase intensa dos hormônios e da puberdade, tem impacto direto na sociedade. Falar sobre doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce e preconceitos ligados a gênero, constrói um ser humano informado e atento, além de combater problemas sociais.

O seriado compõe a lista dos principais audiovisuais consumido pelos jovens. As narrativas que carregam o tom folhetinesco, também passa para o receptor temáticas sociais, gerando reflexões e debates sobre decisões dos personagens. Além de entreter, o audiovisual informa; melhor ainda, mostra uma nova visão de mundo para quem assiste, sendo, portanto, uma ferramenta da Educação.

Com isso, percebemos elementos educacionais na série “*Sex Education*”, exibida na plataforma Netflix. A história, que se passa na Inglaterra, trata da proteção sexual, aborto, gênero, feminismo e tantos outros assuntos relacionados ao tema.

Portanto, este trabalho parte também da possível hipótese que séries audiovisuais, como “*Sex Education*”, podem ser utilizadas como ferramenta educacional para a abordagem da sexualidade, uma vez que traz nela exemplos da Educação.

Desta maneira, estabelece-se como objetivo principal, fazer um estudo de caso das estratégias educacionais; público – alvo de narrativas seriadas como “*Sex Education*”. Para atingir este objetivo, dar-se-á início a partir dos objetivos específicos, que são: a compreensão do que é educação, relacionar as séries audiovisuais com o processo educacional e analisar a interação entre a educação e a série “*Sex Education*”.

Nota-se que é incomum e difícil a abordagem de temáticas sexuais para adolescentes,

por conta disso, percebe-se que a maioria dos jovens não conseguem lidar com as diferenças ou não entendem o próprio corpo, restringindo os seus sentimentos por medo de serem considerados estranhos e incorretos. “A questão da sexualidade ainda é encarada como tabu (tema de pequena projeção e aprofundamento no cotidiano das pessoas) e faz com que o jovem carregue e dissemine uma série de desinformações.” (MAROLA *et al.*, 2011, p. 07). Partindo deste ponto, este trabalho justifica e interessa o campo da Comunicação por propor o uso da Educomunicação para a abordagem de temáticas sexuais, utilizando como ferramenta a série audiovisual “*Sex Education*”.

A escolha deste tema deu-se por meio de duas percepções: primeiro, utilizar produtos comunicativos que são consumidos diariamente; como ponte para aprendizagem é uma forma fácil e dinâmica de ensinar. Segundo, compreende-se que ajudar jovens e adolescentes a entenderem o que é sexualidade irá impactar, de forma positiva, o seu desenvolvimento psicossocial; construindo sujeitos que saibam lidar com os seus sentimentos e com a diversidade, além de possibilitar o desenvolvimento de uma sociedade saudável, reduzindo taxas de gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis e violência, como aponta Marola *et al.* (2011, p. 02):

É esperado que a educação sexual nas instituições transmita a sexualidade a partir de um enfoque sociocultural, ampliando, deste modo, a percepção de mundo do aluno, ajudando-o a aprofundar e refletir sobre a forma como a sexualidade se apresenta em sua cultura. Ou seja, o aluno privilegiado com as informações recebidas poderá ter um entendimento melhor sobre o assunto, auxiliando-o na tomada de decisões e na reflexão sobre as questões relacionadas à sexualidade, podendo-se obter um comportamento mais adequado por parte dos estudantes.

A Educomunicação assume então um papel de intermediadora entre pais/professores e adolescentes; introduzindo o assunto de forma clara, coesa e dialógica, pois por meio da mídia conseguimos gerar debates e pensamentos autônomos.

As pesquisas sobre o campo da educomunicação iniciaram-se no século XX nos Estados Unidos e Europa. Na América Latina, os estudos tiveram como pioneiros os teóricos Paulo Freire, Mário Kaplún e Martín-Barbero, sendo consolidado na atualidade por Ismar Soares, professor e coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE).

Adotar práticas inovadoras e que permitem a criação de um espaço democrático e reflexivo é um dos principais objetivos da Educomunicação. Transformar a incomunicação entre professores, diretores e alunos em um diálogo participativo que possibilite novas formas de aprendizagem é um processo contrário a Educação Bancária, que Freire (2014, p. 59) conceitua como o “ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos [...]”.

A Educomunicação além de objetivar a formação do pensamento crítico, também

prospecta que esta aprendizagem ocorra junto com os meios tecnológicos de massa, como aponta Kaplún (2002, p. 15, tradução nossa):

Em primeiro lugar, quando fazemos comunicação educativa estamos sempre buscando, de uma forma ou de outra, um resultado formativo. Dizemos que produzimos nossas mensagens “para que os destinatários tomem consciência de sua realidade”, ou “para suscitar uma reflexão”, ou “para gerar uma discussão”. Concebemos, pois, os meios de comunicação que realizamos como instrumentos para uma Educação Popular, como alimentadores de um processo educativo transformador.

Kaplún, precursor do neologismo educador e simpatizante dos estudos de Paulo Freire, condenava não só a educação bancária, mas também a comunicação bancária, que tem como propósito depositar informações na mente do receptor. Gerar o pensamento crítico em relação a mídia e democratizá-la, principalmente como ferramenta de aprendizagem, é um desafio da Educomunicação como afirma Martín-Barbero (1996, s.p.):

Cómo insertar la escuela en un ecosistema comunicativo, que es a la vez experiencia cultural, entorno informacional y espacio educacional difuso y descentrado. Y cómo seguir siendo en ese nuevo escenario el lugar donde el proceso de aprender guarde su encanto.

Saber aplicar a tecnologia no método de aprendizagem, não reduzindo esse processo em apenas o uso da máquina, produz uma educação rica em integração e troca dos sujeitos. A Educomunicação, que Ismar Soares (2002a, p. 20.) define como “a organização do ambiente, a disponibilidade dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de educação comunicacional.”, pode ser usada para o ensinamento de diversos assuntos, como a Educação Sexual.

Por meio do audiovisual de massa, que tem o acesso mais fácil e menos burocrático, ensinar e discutir sexualidade por meio da série “*Sex Education*” pode ser um processo construtivo tanto para professores, que possuem dificuldades em abordar o assunto, quanto para jovens, que geralmente não conseguem se conectar com o assunto e refletir sobre ele.

Para o desenvolvimento deste trabalho, utiliza-se diversas fontes científicas para o desenvolvimento da parte teórica, dentre elas, Soares (2012), Martín-Barbero (2011), Machado (1999), além de documentos oficiais e pesquisas.

Para a análise de trechos da série “*Sex Education*”, utilizou-se como fundamentação teórica a análise de imagens em movimento desenvolvida por Rose (2017).

Desta forma, este trabalho aborda no primeiro capítulo o que é a Educomunicação, o seu surgimento e apogeu na América Latina, a sua consolidação no Brasil e os desafios enfrentados na atualidade.

O segundo capítulo deste trabalho trata da educação sexual nas escolas, a sua importância para a construção psicossocial do ser humano e sobre as questões relacionadas a sexualidade e adolescência.

O terceiro capítulo desta obra relaciona o audiovisual a educomunicação e sexualidade e os tipos de narrativas seriadas.

E o quarto capítulo faz um estudo de caso da série britânica Sex Education e das seis áreas de intervenção da Educomunicação encontradas nos capítulos analisados.

2 EDUCOMUNICAÇÃO

Fruto de movimentos populares que buscavam a democracia e a participação na mídia, a Educomunicação é um campo interdisciplinar que busca promover práticas educativas que envolvam a dialogicidade com as mídias e com as tecnologias, desenvolvendo um ensino dinâmico, dialógico e horizontal.

Regido por três protocolos que guiam a sua execução, a Educomunicação tem como base o protocolo moral, desenvolvido pela Igreja em 1930, tem como objetivo educar a população, especialmente as crianças e os jovens, para que estes não caíssem nos perigos propagados pelas produções hollywoodianas. O protocolo cultural defende que a mídia e os meios de comunicação são importantes para a vida social do homem e que introduzidas desde a infância, despertam a consciência crítica dos próprios. O último protocolo, o mediático, está diretamente ligado com as ideais propagados em 1980 na América Latina e visa democratizar os meios de comunicação, dando voz a todas as pessoas da sociedade (SOARES, 2014).

Desta forma, este trabalho propõe-se a discorrer especialmente sobre a Educomunicação que pensa o “educar e educar para mídia”, traçando a sua trajetória, objetivos e ações na atualidade.

2.1 A Educomunicação no Brasil

Apesar de já estar em prática nos Estados Unidos e Europa desde a década de 1950, os estudos da Educomunicação na América Latina só passaram a ganhar fôlego em 1960, derivando-se do campo da Comunicação Popular. Com um contexto sociopolítico marcado pela repressão, os países do continente latino-americano enfrentavam a censura, a violência e o aumento da desigualdade social, mazelas ocasionadas pelos regimes ditatoriais que assombrava a democracia e que tornava mais lento o uso da tecnologia pela sociedade. Essa ideia é reforçada por Ismar Soares (2011a), ao tratar da história Educomunicação. No entanto, há divergências em relação a data do surgimento da interdisciplinaridade na América Latina. Alguns autores apontam a década de 70, já outros acreditam que o campo só teve início em 1980.

Entre 1960 a 1980, países como o Brasil, Argentina, Chile, Bolívia e Uruguai passaram a serem dominados por diversas ditaduras, regimes que foram apoiados pelo país com o maior poder econômico do mundo, os Estados Unidos, que em Guerra Fria com a União Soviética, comandava estratégias para aniquilar o comunismo, já que a democracia seria incapaz de contê-lo (COGGIOLA, 2001).

No Brasil, o golpe contra a democracia teve início em 1964, com a derrubada de João Goulart do poder. O acontecimento deu, então, maior espaço não só para os militares, mas

também para a burguesia. O “povo”, que segundo Luiz Wanderley (1979), também pode ser entendido como uma massa atomizada dominada pela classe política, a elite, passou a ter os seus direitos esquecidos, sofrendo com a violência e com o fim da liberdade de expressão. Conceitos como cidadania e igualdade foram deixados de lado, e trabalhadores rurais e pessoas não alfabetizadas passaram a ser vistos pelo regime como um grupo morto, sem necessidade de fala. Com isso, pautas jornalísticas que questionavam o governo sobre melhorias para as comunidades passaram a ser silenciadas, como aponta Marques e Talarico (2016, p. 425):

Assim, além de não ter em pauta questões atinentes à cidadania, os veículos de comunicação tradicionais – e em especial os de largo alcance – tinham sua programação diretamente acompanhada pelos órgãos censores da ditadura civil-militar. Os noticiários da imprensa escrita ou falada não podiam veicular notícias desfavoráveis ao regime, da mesma forma como as emissoras de rádio e televisão não podiam apresentar, em sua programação, aquilo que fosse considerado como inadequado aos valores políticos, aos interesses econômicos e/ou à moralidade vigente.

O silêncio das grandes mídias e a falta de espaço para questionamentos gerou incômodo em diversas instituições e grupos não governamentais. A camada social, que até então estava inerte com todos os acontecimentos, passou a formar núcleos para debater estratégias que trariam de volta a sua legitimidade. O desejo de mudança política e social e a busca pelo direito da cidadania levaram ao surgimento de movimentos populares e sindicais “que durante 21 anos de ditadura (1964-1985) se viram afastados do acesso pleno a cidadania, e começam a denunciar, a resistir e organiza-se em torno da reivindicação de seus direitos”. (PERUZZO, 2004, p. 30-31).

Buscando despertar o senso crítico e, conseqüentemente, mudar a visão de mundo da minoria, os movimentos populares encontraram na comunicação uma forma de instaurar um ambiente não só plural e diversificado, mas também democrático. Para que os sentimentos e vivências das comunidades ganhassem voz, os movimentos utilizaram mídias alternativas para “gritar” todas as palavras que nunca foram ditas.

Programetes, cartazes, jornais, vídeos foram meios alternativos que serviram como instrumento para a mudança social, agora a população não só consumia a mídia, mas também criava conteúdo, gerando, o que Peruzzo (2004, p. 158) denomina como Comunicação Popular:

A Comunicação Popular, enfim, contribui para a democratização da sociedade e a conquista da cidadania. Que não significa só alguém poder votar a cada cinco naqueles que vão decidir por ele, mas também a aprender a participar politicamente da leitura de bairro e da escola para os filhos, apresentar a sua canção e seu desejo de mudança, a denunciar condições indignas, a exigir seus direitos de usufruir da riqueza gerada por todos.

Para a leitura crítica da mídia e principalmente para ressaltar a autonomia da comunidade, os movimentos populares compostos pelos sindicatos, União Nacional dos

Estudantes (UNE) e pela Igreja Católica alfabetizaram centenas de trabalhadores rurais e urbanos. Entre diversos programas voltados para aprendizagem da população, encontra-se o programa de Leitura Crítica da Mídia da União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC), que baseado nas diretrizes de Paulo Freire, promovia a reflexão sobre meios comunicacionais e a importância de democratizá-los (SOARES, 1988; CRUZZ, 2018).

A Igreja Católica, uma das principais instituições social do mundo, sempre teve como característica o conservadorismo, individualidade também encontrada nos regimes ditatoriais de extrema-direita. Porém, com as ações de repressão que estavam ocorrendo nos anos 60, o posicionamento do Vaticano ignorou o tradicionalismo e junto com a esquerda, interviu na expansão da ditadura, posicionamento que ganhou força em 1962, quando no Concílio do Vaticano II a justiça social e os direitos humanos foram destacados como princípios fundamentais, sendo necessário o desenvolvimento da Teologia da Libertação. Assim,

à medida que as tensões sociais se agravavam no início dos anos 60, a Igreja tomou posição mais ativa e empreendeu iniciativas de sindicalização rural, sob a influência e a articulação do Movimento de Educação de Base (MEB). (SOARES, 1988, p. 47).

Neste período, os estudos de Paulo Freire já estavam em evidência e as suas críticas para as formas engendradas de educar já ganhavam espaço nos meios educacionais.

Partindo da premissa da autonomia, a metodologia desenvolvida por Freire (2014) ganhou seguidores diversos. Com teorias que iam de encontro com as manifestações populares e, conseqüentemente, com a Comunicação Popular, o pensamento do pesquisador que afirma “educar é comunicar” passou a ser adotado pelas instituições não governamentais, que encontraram nele um guia para as práticas de democratização.

Um dos maiores intelectuais do século XX defendia a prática educativo-crítica, ou seja, educar por meio de processos criativos, que instiguem os questionamentos humanos, gerando na sociedade uma vontade de saber mais e entender os processos que a cercam. Para Freire (2014), a prática do ensino deveria se soltar das amarras da transmissão de conteúdo, expandindo-se para a construção de um conhecimento crítico e pleno, pois apenas assim o povo sentiria o desejo e a garra de mudança, entendendo as forças políticas que controlam o meio que estão inseridos.

A Educação Bancária, termo definido por Paulo Freire (2014) para abordar a prática educativa baseada apenas na memória, sem despertar as dúvidas ou alterar a visão de mundo de quem ensina e aprende, é um dos maiores problemas sociais e durante a ditadura, era o que os militares e aristocratas desejavam para o povo. A falta de conhecimento da sociedade que está inserido facilita o controle para as autoridades, que assumem o papel de salvadores da pátria,

propagando a ideia de que apenas eles podem mudar o atual contexto, pois o povo, acumulado de obrigações do cotidiano, não sabe conduzir ou opinar sobre as melhorias para a comunidade.

Assim, Paulo Freire (2014) afirmava que para ocorrer uma mudança na população, é preciso que essa mudança se inicie pelos professores, que reconhecidos como detentores do saber, podem provocar a reflexão crítica não só em seus alunos, mas também em si mesmo, “nas condições verdadeiras de aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”. (FREIRE, 2014, p. 28).

A autonomia, objetivo dos estudos de Freire e dos movimentos populares que desencadearam a Comunicação Popular, só pode ser conquistado por meio da pesquisa, reflexão crítica sobre as práticas e reconhecimento da identidade cultural. Um povo que não se conhece, que não sabe da sua história é facilmente controlado por quem deseja desenhar novos caminhos que serão bons apenas para si, renegando o bem de todos. Com isso, Paulo Freire defendia uma pedagogia autônoma, que instigasse a curiosidade e que promovessem a dialogicidade, pois a troca de experiências e preceitos fortalece a diversidade, criando um espaço possível para pessoas de todas as formas e classes. Assim, difundir o conhecimento alfabetizando pessoas é um processo essencial para o reconhecimento do ser no mundo. Compreender e dominar a linguagem é um processo inerente para a libertação, como destaca Freire (2014, p. 121):

Uma das tarefas essenciais da escola, como centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e a sua comunicabilidade. É imprescindível, portanto, que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de “amaciá-la” ou “domesticá-la”. É preciso mostrar ao educando que o uso ingênuo da curiosidade altera sua capacidade de achar e obstaculiza a exatidão do achado. É preciso por outro lado, e sobretudo, que o educando vá assumindo o papel de sujeito de produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de receptor da que lhe seja transferida pelo professor.

As diretrizes de Freire (2014) em relação a aprendizagem e as intervenções no mundo tiveram grande impacto no processo comunicacional popular que estava ocorrendo nos anos 70. Com o mesmo objetivo de gerar autonomia na população e exercitar o seu pensamento crítico, a apropriação dos meios comunicacionais foi uma das formas de ensinar para a comunidade que poderia ocorrer um processo de transformação da realidade e que esse processo está intrinsecamente ligado com a manifestação da criticidade que abrange todas as áreas, inclusive a grande mídia.

O argentino-uruguaio Mario Kaplún foi um dos primeiros comunicadores a aplicar a metodologia freiriana sobre a educação no campo comunicacional. Apesar de o contato com este pensamento só ter iniciado nos anos 60, Kaplún utilizava os meios comunicativos como forma de educar desde a sua adolescência. Aos 17 anos, em seu primeiro programa de rádio, *El*

Clube del libre debate, estimulou a criticidade dos jovens por meio de debates que eram realizados em seu programa. A prática de unir educação e comunicação se estendeu por toda a sua trajetória, compartilhando informações educativas que questionavam a realidade política e social do Uruguai. As suas produções, a maioria radiofônicas, atingiu não só na América Latina, mas também países como Estados Unidos e Filipinas, como aponta Silvia Pintos (2001).

A relação de Kaplún com o conceito de Educação Bancária torna-se mais latente nos regimes militares, auge da censura. O comunicólogo era contra a comunicação que só deposita informações em seus espectadores e assim como Paulo Freire, reivindicava um processo de mudança nos meios comunicativos. A mídia, com o seu grande poder de alcance, deveria ser acessível, não apenas em objetos concretos, mas principalmente na produção de conteúdo. E os espectadores, acomodados com o papel de receptor de monólogos, deveriam ser despertados para a necessidade de transformação e mudança na forma de consumir os meios de difusão de informação. Afirmando que é preciso que a população dialogue com os meios comunicativos, construindo uma relação horizontal dialógica e plural, para que assim ocorra o processo reflexivo crítico, que leva a autonomia do sujeito.

El emisor es el educador hablando frente a un educando que debe escucharlo pasivamente. O es el comunicador que «sabe» emitiendo su mensaje (su artículo periodístico, su programa de radio, su impreso, su video, etc.) desde su propia visión, con sus propios contenidos, a un lector (u oyente o espectador) que «no sabe» y al que no se le reconoce otro papel que el de receptor de la información. Su modo de comunicación es, pues, el monólogo. (KAPLÚN, 2002, p. 23).⁴

A inquietação com a comunicação bancária e o desejo de provocar a transformação social por meio da educação e mídia fez com que Kaplún desenvolvesse vários projetos interdisciplinares, tornando-se o fundador da Comunicação Popular na América Latina. O Cassete-Fórum (K-Sete), método de leitura crítica, é um dos seus principais projetos desenvolvido no Uruguai, envolvia toda uma comunidade em um processo comunicativo à distância, na qual um tema era posto em debate pela coordenação central que gravava em um só lado da fita cassete a sua opinião sobre determinado assunto, enviando para diversos grupos, que após escutar a exposição sobre o tema, gravava no outro lado da fita original a sua opinião e os seus questionamentos, assim, as opiniões eram editadas pelos participantes e colocadas em outras fitas, que eram distribuídas novamente. Com isso, o papel do fórum era colocado em prática, pois cada integrante passava, a saber, a opinião dos demais, compartilhando visões de

⁴O emissor é o educador que fala frente ao educando que deve escutá-lo passivamente. O comunicador é aquele que “sabe”, emitindo sua mensagem (seu artigo de jornal, seu programa de rádio, sua revista, seu vídeo, etc.) com sua própria versão, seus próprios conteúdos, a um leitor (ou ouvinte, ou telespectador) que “não sabe” e ao qual não se reconhece outro papel que além de receptor da informação. Seu modo de comunicação é, portanto, um monólogo. (KAPLÚN, 2002, p. 23, tradução nossa).

mundo. “O Cassete Fórum se configurou como um método, ou seja, um meio de intervir numa realidade específica, buscando intencionalmente transformá-la.” (LIMA, 2009, p. 36).

Unindo os dois campos cada vez mais, Kaplún desenvolveu o neologismo Educomunicação, usando pela primeira vez o termo educador para profissionais que exercem a prática de ensinar por meio da comunicação horizontal.

Nos anos 90, com a volta da democracia no Brasil, os estudos sobre a Educomunicação passaram a ganhar corpo com a sistematização feita pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), da Universidade de São Paulo (USP). Pesquisadores como Ismar Soares, coordenador do NCE, Atílio Hartmann, Ana Maria Fadul, Gilberto Gomes e tantos outros, desenvolveram importantes papéis para a consolidação do campo na América Latina, como destaca Viana (2017).

A fundação do NCE, em 1997, estruturou a área até então conhecido como “mídia-educação” ou “educação para os meios”, e passou a utilizar oficialmente o termo Educomunicação. Ismar Soares, precursor do movimento, desde 1995 já ressaltava a sua inquietação sobre a falta de comunicadores na educação. Isto posto, publicou um artigo que apontava a necessidade de um “gestor de comunicação educacional”, que além de cuidar da relação da escola com a mídia, também iria “oferecer assessoria aos professores nos trabalhos de análise dos meios ou leitura crítica da comunicação” (MACHADO, 2009, p. 31). Com 176 especialistas de 12 países, o trabalho inicial desenvolvido pelo NCE foi baseado em amplas pesquisas sobre a interdisciplinaridade dos campos, que acabou levando a conclusão que uma nova área estava surgindo, a Educomunicação, termo definido por Soares (2002b, p. 24) como:

Um conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como melhores o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem através do diálogo franco e aberto.

Assim, a Educomunicação intervém no processo de aprendizagem com seis diretrizes: Epistemologia da Educomunicação, que tem como objetivo a construção e desenvolvimento de teorias e pesquisas; Produção Midiática, que visa a produção de conteúdos educacionais por meio de novas linguagens para serem veiculados na mídia; Educação para a Comunicação, que propõe incentivar um olhar crítico para os produtos comunicacionais; Pedagogia da Comunicação, que procura estabelecer um processo dialógico entre o professor e seus alunos; Mediação Tecnológica na Educação, que introduz aparelhos tecnológicos no processo educativo, ao passo que reflete sobre elas; Expressão por meio das Artes, que incentiva a criação de um espaço democrático com expressões artísticas (SOARES, 2014).

As perspectivas desenvolvidas pelo NCE, sobre a Educomunicação como um campo de intervenção social, levaram ao reconhecimento do profissional da área. Em 2009, a Universidade de São Paulo criou o curso superior de Licenciatura em Educomunicação, dando início a uma nova trajetória na esfera transdisciplinar.

2.2 Os desafios da Educomunicação

Marcado por um contexto histórico de repressão, o desenvolvimento da educomunicação no país ainda carrega marcas do regime ditatorial, que só teve fim em 1985 com a vitória de Tancredo Neves. Antes em um cenário de violência e censura, o florescimento do campo se deu por meio de mídias alternativas e de menor custo, apesar dos avanços da tecnologia. Os militares tornaram mais lento o processo de apropriação dos meios de comunicação pela população, bloqueando o processo reflexivo e autônomo. Com isso, a prática de ensinar por meio da comunicação ainda é limitada, pois instituições educativas e profissionais da educação ainda se encontram presos em hábitos e metodologias obsoletas.

Para pensar nos desafios do desenvolvimento da educomunicação no país é preciso entender os problemas particulares de cada área, apesar da interdisciplinaridade. No campo da educação, por exemplo, a dificuldade das instituições de ensino é conseguir manter uma frequência ativa dos alunos nas aulas, objetivo que precisa encontrar em outras áreas, como a comunicação, meios de envolver crianças, adolescentes e jovens. A evasão escolar, problema de políticas públicas, atinge, principalmente, as redes de ensino público, onde se encontra estudantes que possuem responsabilidades que vão além de atividades e provas. A realidade desses jovens está intrinsecamente ligada a questão social e econômica, o trabalho, principal meio de manter o sustento da casa, acaba ocupando o tempo e a mente destes. Sabe-se que, partir do momento que a educação precisa competir com o dinheiro e com as obrigações familiares, esta já encontra-se em desvantagem, logo, diante das necessidades básicas, crianças, adolescentes e jovens deixam de lado a sala de aula e conseqüentemente, seu futuro.

Essa desmotivação em frequentar a escola também se encontra ligada as metodologias que são aplicadas. A educação bancária ainda é uma realidade, como o regime ditatorial, silencia vozes e pensamentos. Os jovens não encontram espaço para se expressar, convivem diariamente com a monotonia de longos discursos que apenas expõe fatos e não reflete sobre eles. O distanciamento entre professores e alunos já se inicia em um primeiro contato, na qual a liberdade criativa dá espaço para o conservadorismo pedagógico. Para que ocorra mudança, é preciso ampliar as condições de expressão da juventude, para que a mesma se engaje em seu processo educativo (SOARES, 2011b).

A transformação do ensino conteudista em um ensino plural e horizontal é a busca de órgãos não governamentais e instituições de ensino. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), por exemplo, desde 1990, com a regularização e organização da educação brasileira, busca implantar nas escolas uma metodologia interdisciplinar que deixe de lado os conteúdos “particulares”, que não causa ânimo e estímulo nos estudantes, para que seja adotado uma “conversa” entre as matérias. Desta forma, áreas como linguagens e ciências da natureza passam a *linkar* os assuntos, e não são trabalhados apenas dentro de caixinhas, como campos isolados.

Aplicar essas mudanças é um processo lento, já que educadores e instituições confundem a prática da educomunicação com atividades que só envolvem aparelhos tecnológicos, não relacionando os estudos da esfera com o ensino dialógico. “Com relação às tecnologias, o que importa não é a ferramenta disponibilizada, mas o tipo de mediação que elas podem favorecer para ampliar os diálogos sociais e educativos” (SOARES, 2011b, p. 18). É preciso então que seja estabelecido em sala de aula uma comunicação espontânea e criativa entre professores e alunos, despertando a curiosidade de quem busca pelo ensino.

O desejo de aprender, mesmo com as dificuldades sociais que são enfrentadas no dia a dia, precisa florescer para que ocorra progresso na educação nacional, progresso que tem como base uma linguagem diversa que está conectada com a cultura contemporânea.

Redes sociais digitais, séries, filmes, músicas são os produtos comunicativos que os jovens mais consomem. Uma pesquisa realizada em 2017 pela *TIC Kids Online* Brasil mostrou que 85% dos jovens estão conectados ao mundo virtual, sendo que 44% das crianças e adolescentes acessam a internet por meio dos *smartphones*. A pesquisa também mostrou que 77% do público acessa o mundo virtual para consumo de vídeos *on-line* e 75% acessam a rede para ouvir música. Já 76% utilizam a internet para pesquisas escolares. Ou seja, construir uma ponte entre os assuntos escolares e produtos e informações que realmente fazem parte do cotidiano dos educandos, cria espaços para o desenvolvimento do diálogo, possibilitando o processo que tanto se busca a interação. Por isso, é preciso que as escolas deixem de lado o receio de inserir novos meios midiáticos e ampliem o seu olhar para as formas comunicativas, como aponta Martín-Barbero (2000, p. 57):

A escola desconhece tudo o que de cultura se produz e transcorre pelo mundo audiovisual e da cultura oral: dois mundos que vivem, justamente, do hibridismo e da mestiçagem, da mistura de memórias territoriais com imaginários deslocados. Enfrentemos o mal-entendido. Reconhecer que vivemos numa sociedade multicultural significa não só aceitar as diferenças étnicas, raciais ou de gênero, mas também que em nossas sociedades convivem hoje indígenas da cultura letrada com outros da cultura oral e do audiovisual.

As instituições escolares ainda se encontram bastante acanhadas com o processo de apropriação das mídias e de suas linguagens, essa timidez, que afasta o profissional do âmbito educacional, está ligada diretamente com a distribuição das tecnologias que apesar de serem caracterizadas como democráticas ainda estão em um processo lento de distribuição.

Em 2018, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informou dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad C) e apontou que o Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas a internet o que corresponde a um percentual de 64,7%. Apesar do elevado índice para um país subdesenvolvido, a pesquisa também mostrou que a região do Norte e Nordeste, 52,3% e 54,3% possuem números inferiores quando comparadas com a região Sul e Sudeste do país 67,9% e 72,3%. Com isso, percebe-se que o acesso à mídia digital e em rede ainda não é democratizado, o que implica no distanciamento população com os meios em dois âmbitos: o distanciamento causado por falta de acesso a recursos midiáticos, resultado da pesquisa, e o distanciamento crítico, pois apesar de terem em mãos diversas plataformas e conteúdos, grande parte da população ainda não sabe como utilizar esses aparelhos de forma participativa. É preciso, entretanto, que todos os indivíduos tenham acesso absoluto aos meios tecnológicos, aproveitando os recursos que são importantes para a construção do bem social e para a propagação das informações, descentralizando a própria das mãos de poucos, processo que depende principalmente das políticas públicas, como frisa Orozco-Gómez (2002, p. 58):

E isto é fácil de dizer, mas bastante difícil de pôr em prática, porque supõe consciência e vontade políticas muito firmes por parte dos estados nacionais, e uma sensibilidade e decisão de exigência também muito firmes e claras da sociedade no seu conjunto, particularmente de todos os grupos, instituições e organizações democráticas.

A dificuldade apontada pelo Orozco-Gómez (2002) também reflete na formação de professores. Distantes da percepção crítica e do convívio com as linguagens midiáticas, os profissionais da educação não sabem como aplicar a educomunicação em sala de aula, e com isso acabam caindo no senso comum de utilizar apenas os aparelhos para reproduzirem os temas que fazem parte do currículo escolar. Colocar a aula de português em *power point* ou mostrar imagens geográficas na televisão, não são formas de educomunicação, mas sim uma continuação da educação bancária, que agora se torna virtual. Para Soares (2011a), é preciso que os professores passem por um processo de transformação que mesmo sendo lento, é necessário. A mudança em suas metodologias não irá ocorrer apenas com a oferta de oficinas que ensinem como operar equipamentos, mas sim, com projetos que incentivem e que mostrem como a educomunicação pode ser aplicada. A mudança precisa ocorrer na base de ensino e não

apenas na introdução e distribuição da tecnologia, pois como já foi afirmado, se a educação bancária persistir, as tecnologias serão apenas materiais para a sua propagação.

Transformar profissionais, erradicar a educação bancária e aproximar os estudantes, são tópicos inerentes uns aos outros e que trilha o caminho para o desenvolvimento da educomunicação na sociedade que, como aponta Martín-Barbero (2000), encontra-se cada dia mais imersa em um ecossistema comunicativo, termo usado pelo autor para destacar novas experiências culturais e sociais que surgem da relação com a tecnologia. É um ambiente em que a informação circula livremente, não de forma fragmentada. Com isso, como destaca o autor, o livro já não é o principal meio de conhecimento, principalmente na América Latina, onde as comunidades sempre aprenderam por meio de outros recursos.

O ecossistema comunicativo que estamos inseridos descentraliza das mãos das autoridades o conhecimento, até mesmo a escola assume um novo papel, deixando “de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados” (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 56). E essa dispersão é justamente um dos desafios da educomunicação.

Deparando-se a cada dia com novos aparatos que transmitem informações, as escolas sentem-se ameaçadas pelo que os jovens consomem, e com o medo de perder de vez um pouco da sua atenção, proibem que esses aparatos circulem nas escolas, achando que assim conseguirão transmitir perfeitamente a grade curricular.

O problema é que as escolas não oferecem espaço para o diálogo e para a inserção das vivências de seus alunos nas aulas ou em projetos. Ignoram achando que as informações que são consumidas, e que não provém de livros didáticos⁵, são vazias, não possuem um contexto ou não guiam os seus consumidores para aprendizagem. Esta forma rígida, que muita se assemelha as repressões dos regimes militares, não só afasta os educandos do espaço de conhecimento, mas também mata a criatividade destes, pior ainda, acaba criando uma imagem maçante dos materiais que as instituições educativas julgam como principal forma de aprendizagem. Para Fígaro (2011, p. 96), as instituições educacionais, o que inclui seus profissionais, precisa problematizar as suas práticas metodológicas a respeito da comunicação, para que seja deixado de lado o extremismo:

É preciso que o professor questione sua prática. Para fazê-lo, deve abandonar o discurso pouco proveitoso de ou sacramentar a mídia como ótima e trazê-la para a sala de aula sem nenhum senso crítico- isto é, sem vinculá-la a realidade mais geral

⁵Martín-Barbero (2000) também reflete sobre o papel do livro didático na educação. O autor aponta que em um ecossistema comunicativo, ficar preso a metodologias conservadoras só afasta os educandos. O livro ainda é o principal meio de ensino, mas não o principal. Por isso, é preciso que as instituições de ensino procurem novas ferramentas, como os aparelhos tecnológicos.

da sociedade, usando-a apenas como instrumento, como ferramenta – ou, caso contrário, não levar nada disso para a sala de aula, baseando na prerrogativa de que os meios de comunicação são instrumentos de alienação.

Para que a educomunicação continue se desenvolvendo no país, é necessário que ocorra diversas transformações no âmbito escolar e comunicacional. Assim como as instituições de ensino precisam abandonar a educação bancária, as mídias precisam se tornar mais acessíveis, ambos problemas que só conseguirão ser solucionados por meio de políticas públicas, mas também com o esforço e contribuição das instituições não governamentais, que com os seus diversos projetos, já ajudam a difundir as práticas educacionais, aproximando professores e alunos da aprendizagem crítica por meio da mídia.

2.3 A Educomunicação na atualidade Brasileira

Se consolidando no Brasil na década de 90, o campo da educomunicação ainda vive em uma constante atualização. Com a criação do curso de licenciatura em Educomunicação em 2009, consolidando a primeira turma em 2011, pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade Federal de São Paulo (ECA-USP), a área ganhou destaque na academia e em diversos campos de atuação e se expandiu para além dos muros na USP, sendo também implementada em 2009 na Universidade Federal de Campinas (UFCA) como uma das habilitações do curso de Comunicação Social. Com a formação de um profissional que saiba de fato implantar o processo da educomunicação nas instituições de ensino, espaços foram abertos para a discussão da importância da interdisciplinaridade na formação educacional dos cidadãos.

Em 2007, o Governo Federal criou o Programa Mais Educação, nº17/2007, regulamentado pelo Decreto 7.083/10, que visa criar estratégias para a criação de uma educação democrática, inclusiva, integral e pública. Entre seus objetivos, que inclui lazer, esporte, cultura, direitos humanos e outros, também encontramos destaque para o macrocampo Comunicação e Uso das Mídias, terminologia que só passou a ser utilizada em 2010, já que o termo Educomunicação não provocava entendimento e familiaridade para as pessoas (BRASIL, [200-?]a).

Com o incentivo do Governo Federal e de instituições não governamentais, as práticas educacionais vão se espalhando por todo país, reinventando escolas e formas de aprendizagem. Em dados divulgados em 2011 pelo Ministério da Educação (MEC), 14.995 escolas com 3.067.644 estudantes adotaram o Programa Mais Educação. Já em 2017, em sua terceira edição, e agora intitulado como Programa Novo Mais Educação, apesar de manter alguns propósitos das edições anteriores, o programa volta-se mais para a educação em tempo integral, e que a mesma tenha foco em apenas duas disciplinas: português e matemática. No

Caderno de Orientação Pedagógica, que explica as estratégias do programa, percebemos que não há nenhuma citação ao macrocampo Comunicação e Uso das Mídias, mas sim ao PORVIR, que de acordo com Brasil (2017, p. 27) é um:

Portal de comunicação e mobilização social que mapeia, produz, difunde e compartilha referências sobre inovações educacionais. Nesse Portal, encontram-se, por exemplo, dicas de ferramentas e metodologias inovadoras que podem contribuir para a inovação das práticas pedagógicas. O PORVIR reuniu algumas dicas de plataformas ou recursos digitais que podem ser aplicados durante a alfabetização.

A plataforma desenvolve jogos *on-line*, livros digitais, aplicativos e redes sociais e estimula o uso da tecnologia nas salas de aula. A plataforma também tem como objetivo superar três desafios da comunicação; O primeiro desafio é a equidade, democratizando a tecnologia para todos os alunos do país. O segundo desafio é oferecer assuntos com qualidade, possibilitando a interatividade e dinamicidade de assuntos educacionais. O terceiro desafio é aproximar a educação da contemporaneidade dos alunos, os preparando para um futuro mediado pela tecnologia (ESPECIAL..., 2015).

No campo acadêmico, as pesquisas sobre a Educomunicação têm crescido a cada dia. Dados levantados do Periódico Capes sobre artigos que foram publicados entre 2017 e 2018 sobre a educomunicação, e procurados especificamente através da palavra-chave educomunicação, o que indicaria que o tema seria uma das principais abordagens das pesquisas publicadas, mostram que ocorreram 15 publicações científicas, na língua portuguesa, nesses dois anos, conforme mostra a Tabela 1. Números satisfatórios quando comparados com o período de 2007 e 2008 (dez anos antes), não possuem nenhuma publicação.

Tabela 1 – Publicações sobre Educomunicação entre 2017 e 2018

TÍTULO	AUTOR	ANO
Educomunicação ambiental: construindo práticas acadêmicas e pedagógicas sustentáveis.	Elizabeth Souza Gonçalves.	2017
O Desafio do Ensino do Ciberjornalismo Frente às Mídias Móveis.	Rose Maria Pinheiro.	2018
As Tecnologias de Informação e Comunicação como Agentes de Integração do Currículo com a Glocalidade.	Bento Duarte Silva, Ademilde Silveira Sartori e Rafael Gué Martini.	2017
Produtos Jornalísticos para Tablets como Ferramentas Pedagógicas: Estudo de Caso do Golpe De 1964.	Rita de Cássia Romeiro Paulino e Marina Lisboa Empinotti.	2017
Gestão Escolar e Novos Desafios no Currículo: Projetos Educomunicativos No Ensino Médio = School Management and New Challenges in The Curriculum: Educommunication Projects in High School.	Wellington Luiz Salgado, Rosebelly Nunes Marques e Flávia Pierrotti de Castro.	2018
Jogos Digitais no Ensino da Língua Portuguesa Para Crianças Surdas.	Lilian Cristine Ribeiro Nascimento e AnaPaula Cortina de Liz.	2017

“Imagina, eu me vi na televisão da minha sala!” A Produção Audiovisual e o Empoderamento dos Sujeitos do Campo/"Imagine, I Saw Myself On The Television In My Living Room!" Audiovisual Production And The Empowerment Of The People In The Rural Areas.	Eloisa Assunção Lopes e Marcelo Ximenes Bizerril.	2018
O Envelhecimento Pelo Olhar de Mulheres Idosas no Audiovisual.	Marta Kawamura Gonçalves e Aida Victoria Garcia Montrone.	2018
Communication and education: the movements of the pendulum/Comunicacao e educacao: os	Citelli, Adilson Odair.	2018

Fonte: elaborado pela autora.

Dos 15 artigos encontrados, seis foram elaborados por comunicadores de formação, sendo esses cinco artigos voltados para a área do jornalismo e para o uso das tecnologias em sala de aula.

O artigo Educomunicação ambiental: construindo práticas acadêmicas e pedagógicas sustentáveis, escrito pela comunicadora Elizabeth Souza Gonçalves, aborda uma atividade desenvolvida com pedagogos para analisar as práticas pedagógicas sobre meio ambiente e sustentabilidade, utilizando a mídia como meio de divulgação desses trabalhos realizados no Campus VII da Universidade do Estado da Bahia.

O segundo artigo, O Desafio do Ensino do Ciberjornalismo Frente às Mídias Móveis, produzido por Rose Mara Pinheiro, traz uma reflexão sobre o uso da tecnologia no ensino do ciberjornalismo, abordando os limites éticos e essa prática em sala de aula.

O terceiro artigo, As Tecnologias de Informação e Comunicação como Agentes de Integração do Currículo com a Glocalidade, elaborado por três autores, sendo apenas o Rafael Gué Martini comunicador, aponta um estudo qualitativo do programa Educom.Cine, abordando o uso das tecnologias como forma de propagar as produções desenvolvidas na escola para toda a comunidade.

O artigo Produtos Jornalísticos para Tablets como Ferramentas Pedagógicas: Estudo de Caso do Golpe De 1964, escrito por Rita de Cássia Romeiro Paulino e Marina Lisboa Empinotti, apresenta um produto jornalístico desenvolvido para tablets e que tem como objetivo ensinar várias etapas da produção jornalística para alunos do ensino fundamental II.

O quinto artigo, O Envelhecimento Pelo Olhar de Mulheres Idosas no Audiovisual, elaborado por duas autoras, sendo apenas Marta Kawamura Gonçalves profissional da comunicação, fala sobre idosas, participantes de uma oficina de vídeo e como as mesmas utilizam o recurso audiovisual para tratar sobre a terceira idade.

Esse é o recorte da atualidade das pesquisas publicadas e referenciadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – uma das maiores instituições de fomento de pesquisa do país.

O aprofundamento no tema por parte de acadêmicos e de programas que pretendem refletir e propagar as práticas educacionais nas instituições de ensino acelera a adoção desses ideais no cotidiano de educadores e educandos, apesar de ser um processo lento, já que há diversas questões que envolve a sua adesão nas salas de aula, principalmente na visão de mundo da população. A educação está criando pontes para um futuro mais democrático, formando cidadãos com senso crítico, capazes de gerar a transformação estrutural necessária na sociedade.

3 EDUCAÇÃO SEXUAL

A vida humana é permeada de sentimentos e desejos. Desde que nascemos somos apresentados a um mundo social, constituído de relações ligadas a essência humana. Nascer, crescer e morrer são ciclos pré-estabelecidos, e em cada ciclo a sexualidade está envolvida. Nascemos por meio da relação sexual, na maioria das vezes; quando crescemos, ou melhor dizendo, quando estamos crescendo, nos deparamos com sentimentos, desejos e conflitos, abstrações que fazem parte da sexualidade. Porém, muito mais que relação sexual, a sexualidade “diz respeito a sentimentos e emoções e a rede sociocultural que parametriza o conceito dentro de padrões, normas e proibições” (RODRIGUES, 2009, p. 6). Assim, diante desse fato inerente ao ser humano, compreendemos que estudar sobre o que somos, aprender, a cada etapa, sobre o nosso corpo e nossos desejos, é de extrema importância para a evolução social do ser. Quando recebemos uma educação sexual, principalmente na escola, que vai além do senso comum, temos a oportunidade de evitar erros que não só atinge o íntimo mas também o social, como o caso da gravidez precoce, da depressão, das doenças venéreas, do abuso sexual e outros. Temos, assim, a chance de nos aceitarmos com maior facilidade, quebrando tabus e construindo um meio saudável.

3.1 A Educação Sexual nas escolas

Falar sobre sexo nunca foi fácil. Jovens e adultos encaram o tema com medo e vergonha, como se estivessem falando sobre um acontecimento horripilante que causa a morte. Mas, pelo contrário, o sexo é vida. Estando presente desde o conceber de uma criança até a qualidade de vida de um adulto, o sexo faz parte de algo muito maior que questões biológicas, faz parte da sexualidade, que para Foucault (1976) é uma invenção social construída a partir de um contexto histórico e de debates que formalizam as suas práticas.

Os resquícios de repressão que ecoam até hoje sobre o assunto, estão ligados a um contexto forte e imponente que sempre tratou o assunto com sigilo e censura. Em um contexto geral, antes de ganhar relevância no final do século XIX e XX por meio dos estudos de Freud, a temática era controlada por grandes instituições, como a Igreja. Pregando o conceito como algo pecaminoso que só deveria ser praticado para gerar vida, qualquer desejo humano relacionado a outro ser, ou que incitasse o prazer, era visto com maus olhos. As ideias propagadas por essa instituição aterrorizavam a sociedade, principalmente as mulheres, que eram duplamente censuradas por causa do machismo (FONSECA, 2011).

No Brasil, a participação da Igreja Católica na forma dos homens se relacionarem e se comportarem, teve início com a chegada dos Jesuítas ao país. Encontrando uma nova sociedade

e novos hábitos, a nudez das índias provocava um impacto negativo na Coroa Portuguesa, sendo necessário que os povos nativos recebessem orientações da igreja católica, que passaram a impor o uso de vestimentas. “Aos olhos dos colonizadores, a nudez do índio era semelhante à dos animais; afinal, como as bestas, ele não tinha vergonha ou pudor natural. Vesti-lo era afastá-lo do mal e do pecado.” (PRIORI, 2011, p. 17).

Sendo visto como algo que deveria ser evitado ao máximo possível, o sexo e as relações sentimentais entre os homens, receberam uma nova visão, agora, com uma pequena distância dos dogmas da Igreja, passando a ser tratado como um assunto científico médico, pois como não poderia ser evitado, era necessário educar homens e mulheres a respeito de doenças sexualmente transmissíveis e controle de natalidade (CHAUÍ, 1984).

Com uma visão mais clínica sobre o assunto, novas dimensões sobre sexo passaram a serem discutidas e finalmente a sexualidade passou a ser um ponto de referência para estudiosos.

[...] As práticas sociais de controle, proibição e permissão do sexo são antiquíssimas, porém o estudo do seu sentido, de suas casas, de suas variações no tempo e no espaço é um estudo recente, não sendo casual que os dicionários registrem como tardio o surgimento da palavra sexualidade, momento em que o termo sexo passa a ter um sentido muito alargado, especialmente quando os estudiosos passaram a distinguir e diferenciar entre necessidade (física, biológica), prazer (físico, psíquico) e desejo (imaginação, simbolização). (CHAUÍ, 1984, p. 11).

As novas concepções sobre o termo contribuíram para o avanço da implementação da educação sexual nas escolas, que assim como a visão científica, visava a higienização e o eugenismo social, sendo assim um momento de transformação, de “renovação pedagógica” (CÉSAR, 2009). Porém, o tema sofreu diversas críticas de pais e responsáveis que o olhavam de forma abominável, receando que seus filhos fossem influenciados a cometerem atos impuros e as escolas que abordavam o assunto, principalmente depois da aprovação do Programa de Educação Sexual no Congresso Nacional dos Educadores em 1928, passaram a sofrer com perseguições e demissões, situação vivenciada pelo Colégio Batista do Rio de Janeiro (AQUINO; MARTELLI, 2012, apud GUIMARÃES, 1995).

A opinião contrária de pais, que levou ao fim do ensino em algumas escolas, ganhou reforço em 1964, com a instauração da ditadura no país após o golpe militar. Pequenos progressos que estavam ocorrendo na área foram censurados e o desenvolvimento do conhecimento no campo voltou para estaca zero, como afirma César (2009, p. 51):

Como a ditadura impôs um regime de controle e moralização dos costumes, especialmente decorrente da aliança entre os militares e o majoritário grupo conservador da igreja católica, a educação sexual foi definitivamente banida de qualquer discussão pedagógica por parte do Estado e toda e qualquer iniciativa escolar suprimida com rigor.

Inerte durante algum tempo, não pela acomodação de pesquisadores, mas impossibilitada por causa da censura que barrava qualquer projeto elaborado para o campo, o ressurgimento da educação sexual, ou melhor dizendo, o ressurgimento da sexualidade, ocorre durante o final da década de 70 e início da década de 80, com movimentos de redemocratização e movimentos sociais, destaque para o feminismo⁶, que tomavam as ruas das cidades brasileiras clamando pelo espírito de liberdade (CÉSAR, 2009). As respostas para essas mobilizações foram perceptíveis em 1978, quando o Conselho Federal da Educação criou a matéria Programa de Saúde, que abordava a educação sexual para alunos do 1º e 2º grau.

Diversas discussões sobre a sexualidade passaram então a ocorrer no país, a maioria delas voltadas para os meios contraceptivos, abordando apenas as relações sexuais (AQUINO; MATERLLI, 2012). Nos anos 90, com o auge do HIV, a educação sexual foi reforçada nas escolas, passando a ser vista com bons olhos e como uma forte arma para impedir que a epidemia da AIDS continuasse a se espalhar pelo país. Desta forma, as escolas passaram a abordar a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez na adolescência como conteúdo educacional (CÉSAR, 2009). Com um significativo avanço nas instituições de ensino, a prática da educação sexual no ensino fundamental e médio ganhou reforço do Governo Federal em 1996 com as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) instauradas em 1998 estabeleceu a orientação sexual como tema transversal do currículo escolar, ou seja, temática que deve ser discutida por todas as disciplinas.

Orientação Sexual proposto por este documento compreende a ação da escola como complementar à educação dada pela família. Assim, a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a inclusão de conteúdos de Orientação Sexual na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores da proposta. O diálogo entre escola e família deverá se dar de todas as formas pertinentes a essa relação. (BRASIL, [200-?]b, p. 85).

O incentivo à educação sexual nas escolas por meio do PCN demonstra a grande evolução da sociedade em aceitar discutir o tema. Porém, entre incentivar e aplicar um determinado assunto há diversas condições que colaboram para a sua prática.

A aceitação do tema, tanto por parte da família brasileira, quanto pelos educadores, ainda se encontra em um processo lento, enraizado no conservadorismo e em questões religiosas. A repressão sexual ainda existe. Apesar de todos os movimentos sociais, que ganharam força na década de 70 e 80 e que se perpetuam até hoje, é notório que o papel da

⁶O movimento feminista no Brasil nos anos 80 passou a discutir sobre a condição da mulher na sociedade, abordando questões trabalhistas, padrões de beleza e a autonomia feminina.

Igreja na conjuntura social ainda é forte, mesmo o Brasil sendo um país de Estado laico⁷, os costumes católicos e evangélicos regem boa parte dos brasileiros, construindo a sua forma de se relacionar com o mundo.

Essa visão, que pode ser considerada retrógada, serve de base para grupos que são contra a aplicação da orientação sexual nas instituições de ensino. A Escola sem Partido⁸, movimento que defende o fim da "doutrinação" de estudantes pelos professores, se opõe a qualquer abordagem que envolva sexualidade, religião e política, afirmando que “A doutrinação política e ideológica em sala de aula ofende a liberdade de consciência do estudante; afronta o princípio da neutralidade política e ideológica do Estado” (ESCOLA SEM PARTIDO, 2019, s.p.).

Apesar desse trabalho ter como foco o ensino sexual para jovens e adolescentes, citaremos a seguir um exemplo da sua importância em um contexto infantil, pois é preciso entendermos que o seu ensino é um processo complexo, já que a sexualidade não é inerte e vai se moldando de acordo com cada etapa da vida do ser. Assim, entendemos que o seu ensino deve ter início desde a 1ª infância, para que o tema já seja um conhecido, ocorrendo assim, uma boa recepção e bons resultados na sua aplicação.

A importância da eficácia do ensino sexual pode ser percebida na aplicabilidade do seu conteúdo no cotidiano de jovens e crianças. Em uma matéria do G1⁹, publicada em 12/03/2019 e que tem como manchete “Criança denuncia avô por abuso após aula sobre violência sexual no Paraná”, traz o caso de uma menina de 9 anos, que após participar de uma aula ministrada pelo Programa Educacional de Resistência às Drogas e Violência (PROERD) do estado do Paraná e que tinha como tema a violência sexual, revelou para professores e coordenadores que era vítima dos atos cometidos pelo avô, que acariciava as suas partes íntimas, por pelo menos 10 meses (G1, 2019). Tendo como exemplo este caso, apesar de existir milhares semelhantes, percebemos que quando há um conhecimento prévio sobre o que somos e sobre atos relacionados ao nosso corpo, as chances de evitar traumas, ou de saber o que é certo e errado são maiores. O desenvolvimento íntimo do ser e as suas relações acabam sendo construídas de forma saudável e profilática.

Com isso, entendemos que seja necessária uma mudança no cenário e na formação do ecossistema educacional. Os PCNs surgem com o intuito de alicessar este processo de ensino-

⁷O Brasil é um país de Estado laico desde 1890, após o decreto 119-A mediado por Ruy Barbosa. Porém, a religião ainda possui um papel muito forte no país, e é o que mostra o Censo do IBGE de 2013 que aponta que 65% dos brasileiros se consideram pertencente a religião católica.

⁸Disponível em: <https://escolasempartido.org/>.

⁹Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/noticia/2019/03/12/crianca-denuncia-avo-por-abuso-apos-aula-sobre-violencia-sexual-no-parana.ghtml>.

aprendizagem, mas por não ser obrigatório, muitas instituições não o adotam. Isso se constitui também uma barreira para se adotar a sexualidade nas escolas. É preciso que ocorra uma mudança profunda nas instituições, nos diretores, nos coordenadores, não apenas no corpo docente, pois quando a instituição tem o apoio de todos que fazem parte dela é mais fácil atingir os familiares e respectivamente os educandos.

[...] Para que o professor possa “reeducar” sexualmente seus alunos, é indispensável reeducar-se previamente e de forma continuada ao longo de toda a sua atuação profissional, revendo seus valores e atitudes e, ainda, aprimorando seus conhecimentos relativos à sexualidade. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 65).

Com uma mudança mais complexa, lenta e gradual, será possível educar crianças, jovens e adolescentes sobre o seu corpo, sobre o que lhe constitui como ser humano. A educação sexual deve ser uma disciplina problematizadora, que mostre diversos pontos de vista sobre o ser, não educando como se fosse uma cartilha que diz o que deve ou não ser praticado. É um exercício necessário e é possível de ser aplicado, mas para isso é preciso que ocorra uma desconstrução da visão da sociedade.

3.2 Adolescência e a sexualidade

É um novo mundo vai surgindo. A passagem da infância para o mundo adulto é recheada de novos sentimentos e descobertas. Assim como as crianças, que passam a descobrir o mundo, as cores, as palavras e as relações humanas; os adolescentes vivem uma fase de transição profunda, conhecendo cada vez mais os seus gostos, desejos e como pretendem se relacionar com o mundo.

A partir de uma concepção biológica, a transição da infância para a vida adulta tem início com a puberdade¹⁰, período que atinge meninos e meninas a partir dos 9 e 10 anos de idade. É na puberdade que já se percebem algumas mudanças internas e externas. O crescimento de pelos, principalmente na região íntima, a mudança do tom de voz e o aparecimento de espinhas, são alguns dos processos que estão ligados a essa mudança de fase. Durante esse processo, os hormônios sofrem grandes alterações, nos meninos há um aumento significativo da produção de andrógenos, destaque para a testosterona, e nas meninas há uma produção elevada do estrogênio (DOMINGUES; DOMINGUES, 2007). Porém, muito mais que modificações fenotípicas, a adolescência também é uma metamorfose interna, vinculada não apenas aos hormônios, mas também ao contexto sociocultural que se está envolvido.

¹⁰Numa visão mais biológica, afirma-se que a puberdade tem início quando genes aliciam a glândula pituitária, que fica na base do cérebro, a enviar mensagens para as gônadas aumentarem a produção de hormônios sexuais. (DOMINGUES, DOMINGUES, 2007, p. 3).

A explosão de sentimentos que ocorre dentro do corpo faz surgir inquietações e curiosidades. Tendo mais controle dos seus instintos na infância, pois esses sentimentos estavam mais direcionados a si mesmo, esses jovens passam a compartilhar suas sensações com outras pessoas. A sexualidade passa então a reger sua relação com o mundo. O prazer, que pode surgir a partir do toque, olhar, cheiro ou sorriso de alguém, também pode advir de si mesmo, por meio da masturbação. É aí que um campo totalmente desconhecido, para a maioria, passa a ser explorado, tanto no interior do seu quarto, quanto no seu dia a dia, com pessoas que fazem parte do seu cotidiano.

As rodas de conversa que permeiam todas as escolas sempre trazem à tona assuntos relacionados ao tema. Uma pessoa que alguém acha interessante, o primeiro beijo, a perda da virgindade, são pontos recorrentes. Assim, meninos e meninas, e até mesmo aqueles que não se identificam com nenhum gênero, sentem que precisam aproveitar a vida e descobrir se gostam mesmo do sexo masculino, feminino ou ambos. Há um campo vasto de possibilidades, é interessante explorá-las.

De acordo com Freud (1905/1996 apud COUTO, 2017), as mudanças comportamentais que surgem nessa fase estão ligadas a um longo processo que se inicia na infância, já que a sexualidade está presente no ser humano desde o seu nascimento. Antes de entrar na fase genital, que se inicia a partir dos onze anos de idade e que está em relação com a puberdade, o ser humano passa pela fase oral (0 a 1 ano), momento em que o bebê passa a sentir prazer em certas partes do seu corpo, principalmente na boca, o que lhe faz levar diversos objetos até ela, alimentando a sua necessidade de reconhecimento. Depois, o sujeito ingressa na fase anal (2-4 anos), tendo mais controle sobre suas fezes e, conseqüentemente, sentindo mais prazer na região esfínter; é neste período que a criança passa a agir de forma mais controladora, exigindo que suas vontades sejam atendidas por meio das birras. A fase fálica (4-6 anos) é um dos momentos mais complexos, pois o indivíduo já passa a ter um maior contato com os seus órgãos genitais, surgindo teorias e sentimentos ligados ao sexo. Neste período, as crianças passam a prestar mais atenção na sua região íntima, percebendo as diferenças entre o sexo masculino e feminino pela ótica do falo, ou seja, as crianças percebem que existe um grupo que possui pênis e outro que não tem, não imaginando a existência do órgão vaginal. É também neste período que o prazer também começa a ser detectado, tendo assim, o primeiro contato com a masturbação. O complexo de Édipo, dilema teorizado por Freud, também se encontra presente nesta fase, já que os meninos passam a sentir uma paixão pela sua mãe, sentindo ciúmes de outros homens, principalmente do seu pai. A penúltima fase, que antecede o início da puberdade, é a fase da latência (6-11 anos), momento que os sentimentos do sujeito estão camuflados, sendo liberados

em diversas atividades sociais e intelectuais. Por fim, o sujeito entra na última fase psicosexual, a fase genital. Nesse estágio, as relações sexuais ganham o primeiro plano da vida do ser. Existe uma necessidade de se relacionar com o outro, de se envolver sentimentalmente, criando relações, e claro, sentindo prazer.

Todo esse processo de consolidação da vida sexual adulta durante a adolescência, também está relacionado ao ambiente que a pessoa está inserida. As relações familiares, as tradições e os costumes afetam significativamente a construção do sujeito. Por exemplo, meninos e meninas que são expostos de forma precoce e até mesmo traumática às práticas sexuais, tendem a iniciar a sua vida sexual mais cedo, ou até mesmo se auto reprimem, não sentindo desejo por ninguém. O que queremos apontar aqui é que o ambiente externo guia os graus de descobertas. A escola, por exemplo, pode ser um desses guias, ao se constituir um local onde o sujeito passa a ter um contato mais complexo e direto com as diferenças. Idades variadas, classes sociais distintas, personalidades múltiplas constituem uma esfera que possui uma grande predominância no cotidiano dos adolescentes. Essa mistura de diferenças e hormônios e a necessidade de se encaixar em uma identidade ou em um grupo, faz com que esses jovens se sintam acanhados em compartilhar os seus medos e aflições em relação ao que parece ser normal.

Pertencer ao grupo é importante e os adolescentes justificam suas atitudes para garantirem sua permanência nesse grupo. Essa característica serve de busca de sustentação dos adolescentes, individual e coletiva, formando o mundo de transição entre a independência e a autonomia. Embora a formação de grupos seja a busca de autoafirmação de identidade do adolescente, também faz parte desse contexto a timidez que o leva a refugiar-se, a ter atitudes agressivas, provocativas, no intuito de camuflá-la. (FREITAS; DIAS, 2010, p. 353).

A necessidade de se encontrar em um grupo e de definir a sua personalidade são angústias que os tornam propensos à problemas como a depressão e ansiedade. O medo de se aceitar, o sentimento de não pertencimento, ou as dúvidas sobre as relações que estão sendo construídas com outras pessoas desencadeiam fobias, perturbações, tristeza e até mesmo a ideação suicida. Passando a viver com um novo tipo de pressão social, que vem até mesmo de outros jovens, “o adolescente vai enfrentar a necessidade de se redefinir em relação ao seu corpo sexuado, à sua identidade psíquica e ao seu meio, em especial em relação aos seus pais” (BRITO, 2011, p. 208). A sexualidade passa então a ser considerada um problema para os jovens.

A internet surge então como um ponto de fuga. O mundo virtual é composto de informações, experimentos, desabafos e está presente na vida dos jovens, que o carregam nas mãos. Na internet é fácil encontrar informações sobre sexo e gênero, apesar de desempenhar

um importante papel na vida do sujeito, ainda é um campo que está sendo desbravado e que precisa de atenção e cuidado. Pais e professores que não conseguem estabelecer um diálogo sobre sexualidade, esperam e ao mesmo tempo temem que os jovens sanem as suas dúvidas por meio da rede e da mídia. “Os pais, embasados na crença de que a conversa sobre sexo pode induzir a adolescente a praticá-lo, procuram preservar o silêncio sobre o assunto” (SOUSA *et al.*, 2006, p. 411). Partindo da ideia que não é preciso falar sobre, já que blogs, sites e redes sociais “ensinam”, os adolescentes mergulham em um mundo virtual sem nenhuma orientação, perdendo-se em debates que nem sempre são profundos como o necessário. Com o mundo contemporâneo, a internet também assume outros aspectos, passa a exercer um papel mais íntimo e ao mesmo tempo invasivo, e as relações humanas ganham novas texturas, como aborda Kenway (1998 apud LOURO, 1999, p. 5):

Conectados pela Internet, sujeitos estabelecem relações amorosas que desprezam dimensões de espaço, de tempo, de gênero, de sexualidade e estabelecem jogos de identidade múltipla nos quais o anonimato e a troca de identidade são frequentemente utilizados.

Essa nova forma de relacionamento traz à tona velhos problemas sociais que também se reconfiguram para se encaixar na era virtual. O *bullying*, que causa diversos estragos no mundo concreto, passa a ser praticado em redes sociais com a exposição indevida de fotos, montagens, textos e vídeos. O problema se torna ainda maior quando há “vazamento” de nudes¹¹, isto é, fotos íntimas.

A exposição não autorizada de fotos íntimas é uma mazela muito maior. Ligada a estruturas sociais e a conceitos como o machismo, o sexo feminino é o que mais sofre com o problema. Meninos que recebem as imagens, não se sentem responsáveis pela divulgação das fotos com amigos ou em grupos, o julgamento social, daqueles que esperam um comportamento diferente das vítimas, comportamento baseado nos padrões do patriarcado.

O *bullying* sobre a sexualidade, que ganha espaço no mundo virtual, tem os mesmos efeitos de atitudes praticadas pessoalmente. Comentários negativos sobre orientação sexual, tipo de corpo, compartilhamento de fotos íntimas são atitudes que agora fazem parte da vida dos jovens. Por isso, conversar sobre sexualidade é abordar a temática virtual, pois no mundo contemporâneo as relações também se estabelecem de forma digital.

Depois da sua moradia, um lugar que ocupa um grande tempo na vida dos adolescentes é a escola. A Instituição de ensino presente no turno da manhã, tarde, noite ou integral é um dos principais guias para o seu aprendizado e desenvolvimento. Quando fala-se sobre o ensino sexual na escola, pretende-se ressaltar, que mais do que ensinar medidas preventivas sobre o

¹¹Fotografias que explicitam a nudez humana.

sexo, a educação sexual precisa abordar a construção do ser por completo. Quando há um diálogo com os adolescentes é mais fácil instruir e até mesmo aprender com eles. Estimular o desabafo, conversas que exponham seus sentimentos e dúvidas em relação ao seu lugar no mundo, possibilita que problemas sociais, como a depressão, sejam evitados. Há então, um aumento da autoestima desses jovens e conseqüentemente, uma boa qualidade de vida.

É importante ressaltar que, quando existe o ensino da sexualidade nas escolas, o impacto que ela causa vai além do presente, estendendo-se até um futuro mais distante, pois esses adolescentes se tornarão adultos, pais, tios, professores; e com uma visão de mundo diferenciada, irão ajudar a estabelecer um novo arranjo social, que evidencie o diálogo, a liberdade e menos o pudor, no sentido de deixar para trás dogmas e tradições que prejudicam o desenvolvimento social com ideias preconceituosas e retrógradas.

O primeiro ponto para que ocorra uma boa aplicação da educação sexual nas escolas é uma transformação nas metodologias utilizadas pelos professores. Sentindo vergonha e até mesmo sem saber como falar sobre os educandos partem, na maioria das vezes, por um caminho engessado, ficando preso apenas em livros, às vezes, em slides e provas.

Para chamar a atenção desses adolescentes, que também sentem receio em sanar seus questionamentos ou até mesmo em escutar pessoas adultas falando sobre o assunto, já que foram ensinados desde a infância que a temática é imoral. Assim, é preciso ir além do básico, do tradicional, é necessário repensar em várias didáticas que envolvam a inserção do assunto por meio de contextos que fazem parte da vida desses jovens.

4 O AUDIOVISUAL

As imagens em movimento sempre encantaram os homens. Desde a criação do cinema em 1885 pelos irmãos Lumiere, até hoje; o audiovisual está presente no cotidiano das pessoas, seja nas telas de cinema, nas televisões ou, atualmente, nos celulares; com as suas narrativas que prendem, entretêm e ensinam.

Assumindo uma nova forma de contar histórias, os seriados, que até podem ser comparados a um longa metragem por causa da sua duração, é um formato diferenciado do audiovisual e diferente dos filmes, estende os seus conflitos por anos, formando assim, seguidores fiéis, como afirma Meimaridis (2017, p. 02):

[...] Produtos de ficção seriada competem para atrair e fidelizar espectadores, uma vez que, diferentemente de outros modelos fechados de narrativa, como o cinema e a literatura, as séries devem ser compreendidas como obras abertas e de longo prazo que precisam manter os seus espectadores engajados durante anos e ao longo de diversos períodos de recesso.

Surgindo na década de 1950 nos Estados Unidos, as séries “histórias contadas em temporadas, divididas em capítulos” (MELO; SOUSA; AQUINO, 2017, p. 02) se originaram de diversos produtos comunicativos. Alguns autores apontam as epístolas, outros os folhetins e outros destacam o papel do cinema, que passava filmes em pedaços, ou melhor dizendo, em forma seriada para pessoas de baixa renda. Sem um berço fixo, os seriados ganharam popularidades nos anos 70, quando as séries de TV passaram a dominar diversos canais televisivos, principalmente os canais de TV fechada (LIMA, 2013).

Apesar de todas as incertezas sobre o seu surgimento, o que de fato sabemos é que as séries fazem parte de um processo muito maior, sendo mais um dos braços do grande corpo que é a narrativa ficcional seriada. Sendo complexa, Machado (1999) explica que esse tipo de narrativa possui diferentes categorias e modalidades, podendo se dividir em três tipos: O primeiro modelo abordado pelo autor é a ficção seriada linear, ou seja, existe uma narrativa fixa, com diversos núcleos que vão se desenrolando a cada capítulo ou episódio, é o caso de seriados mais dramáticos e das telenovelas. O segundo arquétipo de serialização apresentado pelo autor é a narrativa autônoma, desta forma, cada episódio tem uma história independente, que não é citada ou lembrada no episódio seguinte, o que se mantém fixo são apenas os personagens e não a situação. Por fim, o último tipo destacado é a narrativa seriada variada, ou seja, o único ponto fixo da história é a temática, pois até mesmo os personagens mudam a cada episódio.

No Brasil, o produto audiovisual de ficção seriada mais consumida são as telenovelas; porém com os canais de TV a cabo e principalmente, com a internet, o acesso e consumo dos

seriados têm crescido radicalmente no país. Segundo pesquisa da companhia de análise de mercado, APP Annie (2019), o Brasil é o 6º país que mais consome *streaming* de séries e filmes do mundo, tendo um aumento de 130% entre 2016 e 2017. Ainda de acordo com o levantamento, as três plataformas mais acessadas pelos brasileiros são: Youtube, Netflix e Youtube Kids.

Desta forma, percebemos que o streaming reorganizou as formas de consumo de diversos produtos comunicativos, destaque aqui para os seriados. Se antes ficávamos presos a televisão, DVD e disco *blu-ray*, hoje temos um leque de alternativas em nossas mãos. Diferente de algumas visões que preveem o fim da televisão, atualmente já compreendemos que o que irá de fato acontecer é a convergência midiática, termo utilizado por Jenkins (2009) para explicar que os meios de comunicação alternativos e de massa se convergem, gerando um hibridismo tecnológico.

A convergência aproximou ainda mais o consumidor de audiovisuais de entretenimento, já que antes os seriados eram consumidos semanalmente nos canais televisivos, hoje, existe a possibilidade de assistir uma temporada inteira, dependendo da duração, em 24 horas, *on demand*. Essa facilidade possibilitada por grandes plataformas de *streaming*, como a Netflix, Amazon, Hulu, e agora plataformas nacionais, como o Globo Play; gerou diversidade no consumo do espectador, que atualmente encontra opções variadas no mercado.

Como este trabalho busca analisar um audiovisual produzido e distribuído pela plataforma Netflix, iremos falar especificamente sobre ela. Fundada em 1977 no estado da Califórnia, Estados Unidos, por Reed Hastings e Marc Randolph; antes de se tornar um dos principais nomes no cenário dos *streamings*, o trabalho inicial da empresa era alugar filmes por meio dos correios, levando comodidade e praticidade para os seus consumidores. Após o sucesso do serviço, a Netflix passou a oferecer a assinatura mensal, em que o assinante poderia locar uma infinidade de filmes. Com as mudanças tecnológicas que sempre ocorrem, o serviço teve de se modernizar. Em 2007, todo o catálogo da empresa passou a ser transmitido via internet através de *Video On Demand*, estando disponível *on-line*. Dando os seus primeiros passos no mundo do *streaming*, a Netflix teve o seu auge em 2013, com a produção dos seus primeiros audiovisuais, destaque para as séries *House of Cards* e *Orange is the New Black*. (KULESZA; BIBBO, 2013).

4.1 O Audiovisual, Educomunicação e Sexualidade

Hoje, sabemos que existem diversas formas de ensinar. Partindo dessa premissa, podemos afirmar que o audiovisual também pode ser um meio educativo, gerando pensamento

crítico e reflexão. Um exemplo disso é a TV Escola, fundada em 1996 pelo Ministério da Educação, o canal foi criado com o objetivo de auxiliar na capacitação de educadores da rede pública de ensino por meio de produtos audiovisuais, como filmes, documentários e séries (BRASIL, [200-?]c)¹². Apesar de ter como alvo os professores, a programação televisiva também englobava os estudantes de todas as idades, oferecendo desenhos infantis e programas voltados para as áreas de humanas, exatas e biológicas.

O fato de hoje podermos estimular o desenvolvimento cognitivo com meios que também são considerados entretenimento, mostra que o pensamento da Escola de Frankfurt sobre o consumo, que para eles só gerava a recepção e alienação, não corresponde totalmente aos fatos contruídos e que constroem o ser humano. A passividade não é a única característica presente nos telespectadores, nem a principal. Quando estamos consumindo um produto, nossa visão de mundo também age sobre aquela narrativa, gerando reflexão e pensamento crítico.

Por estar presente no dia a dia de jovens e adolescentes, o audiovisual se torna um ponto de acesso para conversar com esses jovens sobre assuntos que são considerados pedagógicos e que na maioria das vezes causa certo distanciamento e falta de interesse da parte deles. Tendo contanto com histórias e dramas que podem ser comparados ao que vivem, a identificação facilita não só a discussão, mas também a absorção da temática, como aponta Fischer (2006, p. 12):

Quando assistimos à TV, pode-se afirmar que esses olhares dos outros também nos olham, mobilizam-nos, justamente porque é possível enxergar ali muito do que somos (ou do que não somos), do que negamos ou daquilo em que acreditamos, ou ainda do que aprendemos a desejar ou a rejeitar ou simplesmente a apreciar. Em poucas palavras: em maior ou menor grau, nós sempre estamos um pouco naquelas imagens.

A criação dos personagens de um audiovisual, principalmente de uma série dramática e de maior duração, envolve elementos psicológicos que criam uma complexidade para a história. Mais do que o maniqueísmo, as narrativas apresentam protagonistas humanizados, que possuem defeitos, qualidades, medos e dúvidas. Essa aproximação com o mundo real passa uma mensagem de identificação e prende o telespectador na história, que por se identificar em algumas ações ou situações, olha para o conteúdo como uma fonte de ensinamento e análise.

Quando abordamos que os seriados televisivos podem ser uma ferramenta adicional para a discussão de assuntos ensinados em sala de aula, estamos levando em conta a facilidade da abordagem da temática. É muito fácil e compreensível assistir uma situação, cena que mostre

¹²De acordo com Schneider (2010), a operação e técnica da TV Escola é de responsabilidade da EBC (Empresa Brasileira de Comunicação).

na prática o que determinada ação pode provocar na vida da pessoa. Os sentimentos gerados no telespectador servem como exemplo real do que foi abordado pelo professor.

Neste sentido, falar sobre o audiovisual é também abordar a sexualidade, já que este é um tema transversal e bastante presente no cotidiano de pessoas que estudam (especialmente jovens). As narrativas estão recheadas de complexidade dos personagens em torno da sua vida sexual, dos seus sentimentos e das suas dúvidas sobre como se encaixar na sociedade. Os dramas são construídos levando em consideração a personalidade do protagonista e como ele está no mundo.

O sexo é presente em muitos filmes, séries e novelas. Já estamos acostumados a assistir uma declaração de amor, um beijo entre o casal principal e relacionamentos que só duram uma noite. Porém, esse sentimento não se estende para todos os gêneros. Canais de TV aberta ainda estão inserindo, de forma demorada e um tanto controversa, histórias de casais homossexuais, conflitos relacionados a gênero, identidade e liberdade sexual.

Porém, percebemos uma diferença quando analisamos plataformas de streaming, principalmente aquelas que produzem o seu próprio conteúdo. Por pensarem em conteúdos para todos os nichos, a representatividade¹³ se torna bem maior nessas séries e filmes. Atualmente, é possível encontrar seriados que discutem e trazem à tona diversas questões sociais.

4.2 Sex Education

Lançada em 11 de janeiro de 2019 na plataforma de *streaming* Netflix o seriado britânico, do gênero comédia dramática, foi criado e roteirizado por Laurie Nunn e produzido pela Eleven Film. Tendo como protagonista o adolescente Otis Milburn, filho da terapeuta sexual Jean, o jovem enfrenta um problema íntimo e sexual de não conseguir se masturbar, apesar de ter contato com diversas informações sobre sexualidade.

Otis, menino tímido que só pensa nos estudos, tem como melhor amigo Eric Effiong, um adolescente negro e homossexual que sofre com o *bullying* na escola e com a superproteção do pai em casa, já que ele tem medo de que o filho sofra com a homofobia. Assim, os dois são as suas únicas companhias, vivendo distante do mundo popular do ensino médio. Porém, a vida dos dois amigos, principalmente de Otis, começa a mudar quando Adam Groff, personagem “valentão” da escola e que está enfrentando um problema de ereção com a namorada, vai até a casa de Otis para fazer um trabalho de literatura e descobre que a mãe do garoto (reconhecido pelos colegas como esquisitão) sabe tudo sobre sexo. No início, Adam até acha Jean uma pessoa

¹³Representar significa “fazer as vezes do outro” ou “estar no lugar do outro” em um determinado momento ou espaço. (SERAFIM; SANTOS, 2009, p. 02).

legal, mas após a terapeuta falar, sem pretensão alguma, sobre problemas de ereção, Adam, que também sofre com o machismo (que o faz acreditar ter uma masculinidade frágil por causa da ereção), fica irritado e promete se vingar de Otis; assim, no dia seguinte, espalha para toda escola um vídeo de Jean ensinando como estimular um órgão sexual masculino.

Todo esse drama que surge na vida de Otis o leva ficar mais próximo da estudante Maeve Wiley, considerada uma garota problema pela escola por causa da sua vida sexual ativa, os dois presenciam uma situação embaraçosa de Adam, que por tentar resolver o seu problema de ereção, toma “viagra”, tendo uma reação traumática. A partir deste momento, Otis utiliza tudo que sabe sobre sexualidade (e que aprendera na convivência com a mãe terapeuta sexual) para conseguir acalmar o valentão, além de o aconselhar sobre o seu problema.

Percebendo que o colega tem um vasto conhecimento na área, Maeve, que precisa de dinheiro para sobreviver, decide montar uma clínica (clandestina) de terapia sexual na escola para atender aos adolescentes que vivem com diversos conflitos com a sua sexualidade.

Desta forma, somos então apresentados a uma série de conflitos juvenis relacionados à sexualidade e ao processo educacional. A série aborda o feminismo, a sororidade, a primeira relação sexual e diversas dúvidas que são comuns na realidade de adolescentes e jovens, que por sentirem vergonha em falar sobre o assunto, não expõem o que estão sentindo.

5 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento de um trabalho científico é importante fazer uso da metodologia para chegar ao seu objetivo. Desta forma, esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pois faz uso da análise, sem números, e interpretação para se chegar a um resultado (BAUER; GASKELL, 2000).

A partir deste ponto, foram escolhidas duas ferramentas de coleta de dados para a construção da análise: a pesquisa bibliográfica, que segundo Barros e Lehfeld (2007, p. 85) “é a que se efetua tentando-se resolver um problema ou adquirir conhecimentos a partir do emprego predominante de informações advindas de material gráfico, sonoro e informatizado”, e a pesquisa documental, já que temos como objeto de estudo a série audiovisual “*Sex Education*”, que tem como base “qualquer suporte que contenha informação registrada, formando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo ou prova”. (APPOLINÁRIO, 2009, p. 67). Assim, buscou-se e coletou-se dados da série “*Sex Education*” e das publicações científicas que abordavam as temáticas da Educomunicação, educação sexual e o audiovisual em sala de aula.

O seriado, que até agora tem apenas uma temporada, possui oito episódios com a média de 40 minutos de duração. Para a análise, foram escolhidas as cenas em que o personagem principal, Otis, está em relação com o outro (algum outro personagem) num processo de educomunicação sobre sexualidade, desta forma, o único episódio que não aparece uma conversa estruturada entre Otis e outro personagem, é no 3º episódio, tendo sido analisado, assim, 21 cenas de toda temporada.

Com a coleta dessas informações, foi aplicada, no objeto, a análise de imagens em movimento proposta por Diana Rose (2017), que possui três subdivisões: a seleção do programa, a transcrição (também chamada de translação) e a codificação. Para Rose (2017, p. 349), “a televisão é um meio audiovisual e deverá existir algum modo de descrever o visual, bem como a dimensão verbal”.

Também foi aplicada no objeto a metodologia de estudo de caso, que segundo Yin (2001, p. 19), corresponde “a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”.

No próximo capítulo, será explanada a transcrição do material recolhido, pois “a finalidade da transcrição é gerar um conjunto de dados que se preste a uma análise cuidadosa” (ROSE, 2017, p. 348); com isso se torna possível ter um objeto delimitado e mais fácil de ser

analisado de acordo com as áreas de intervenção da Educomunicação, relacionando as cenas com as características da interdisciplinaridade.

6 A EDUCOMUNICAÇÃO EM *SEX EDUCATION*

Este capítulo tem como objetivo analisar as cenas coletadas da série “*Sex Education*” e relacioná-las com os aspectos educacionais trabalhados anteriormente nesta pesquisa. Será feito o uso das seis áreas de intervenção da Educação: educação para comunicação, expressão comunicativa através das artes, mediação tecnológica nos espaços educativos, gestão da comunicação nos espaços educativos e reflexão epistemológica, de Marques e Borges (2016).

Para a construção da análise, será utilizada como base teórica a análise de imagem em movimento, aplicando os aspectos educacionais nos trechos selecionados e transcritos.

6.1 1º episódio – Ansiedade de desempenho 51:59 e 13:46

O piloto de “*Sex Education*”, assim como qualquer audiovisual que esteja estreando uma história, parte da apresentação dos personagens e das tramas que criam o enredo. Com “*Sex Education*” não é diferente.

É importante ressaltar que apesar de estarmos analisando uma cena de um episódio de 40 minutos, é preciso compreender o que gerou tal situação.

Neste episódio, logo na cena inicial, somos apresentados ao primeiro problema relacionado à sexualidade que Otis, o protagonista, precisará ajudar. Adam, o *bad boy*, está tendo relação sexual com a sua namorada, mas diferente dela, o jovem não está conseguindo aproveitar o momento, ou seja, não está sentindo prazer, o que o deixa bastante desconfortável, já que existe todo um cenário e contexto ligado à sexualidade dos homens, que precisa ser o dominador, o forte. Com isso, Adam finge que atingiu o orgasmo para encerrar aquele momento, encenação que acaba sendo descoberta pela namorada.

Toda essa situação gera burburinho na escola, Adam, que não sabe o que está acontecendo com o seu corpo e que só pensa em conseguir uma solução, resolve ingerir estimulantes sexual, popularmente conhecido como viagra. Porém, o seu corpo não reage bem e ocorre uma reação traumática ao medicamento, já que o seu pênis aumenta de tamanho de forma exagerada, causando dor ao adolescente.

É neste momento que Otis, que por ter crescido com pais sexólogos, resolve externar o que sabe, conversando de forma clara, paciente e sem julgamentos com Adam, conforme mostra a Figura 01:

Figura 01 – Otis atende Adam em banheiro abandonado da escola



Fonte: <http://twixar.me/dRLT>.

Nesta cena, o protagonista explica, então, que Adam está sofrendo de ansiedade de desempenho, problema ligado a autoestima e aparência. Assim, por ser filho do diretor, popular e conhecido como valentão, o jovem não consegue aproveitar o momento, pois sente medo do seu desempenho com a namorada.

O momento íntimo e de desabafo estabelecido entre Otis e Adam pode ser visto como um processo de Educomunicação. A apresentação e explicação de um tema da área da saúde em um formato cômico e com toques de sentimentalismo, aproxima o espectador do assunto de forma rápida, sendo mais fácil a absorção do tema. Outro fator que também incentiva uma abertura para o que está sendo ensinado é a linguagem informal, já que é uma conversa entre dois jovens da mesma faixa etária.

A dialogicidade que a cena estabelece com o espectador é um dos pontos-chaves desse processo. A expansão da visão de mundo e a forma criativa de aprender e de transmitir conhecimento são ações possibilitadas pelo diálogo. Freire (1979, p. 46) corrobora com este pensamento, afirmando que o processo educacional “[...] não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

Além desses pontos encontrados, o que de fato dá o selo de Educomunicação para essa cena, e que até pode ser estendido para toda a série, são as características presentes da interdisciplinaridade. Neste primeiro episódio, encontramos uma dessas características, “Gestão da comunicação nos espaços educativos” (mesmo que de maneira informal): campo,

que de acordo com Soares (2011b, p. 48) “volta-se para o planejamento e a execução de planos, programas e projetos referentes às demais áreas de intervenção, apontando, inclusive, indicadores para a avaliação de ecossistemas comunicacionais.” A exibição do trecho para a abordagem de problemas sexuais, principalmente masculino, pode ser uma estratégia usada por professores, apesar de Soares (2011b) falar que é um campo que precisa ser coordenado por profissionais da Comunicação, sabemos que essa não é uma realidade presente em nosso país. Desta forma, destacamos que todos os conceitos educomunicativos precisam se adaptar ao contexto concreto. Sendo assim, como são os professores, os principais agentes que ministram as aulas nas instituições de ensino do país, achamos necessário indicar a exposição da cena para a introdução da temática em sala de aula.

E como os alunos se mantêm envergonhados e rígidos diante desse tipo de abordagem, a comicidade da cena, a linguagem jovial e até os sentimentos externalizados pelos personagens, dará abertura para uma explicação mais aprofundada da temática. Seguindo a linha do Protocolo Mediático, estabelecido na América Latina desde os anos 80, a proposta cumpre a “revisão das disfunções comunicativas oriundas das relações de poder, buscando-se formas democráticas e participativas da gestão escolar, com o envolvimento das novas gerações” (SOARES, 2014, p. 18).

Desta forma, o processo educomunicativo estabelecido no 1º episódio de “*Sex Education*”, na cena que se inicia em 13:46, pode ser considerada uma ferramenta criativa e dialógica, podendo ser utilizada em sala de aula para a abordagem de temáticas sexuais, apesar do produto ter sido criado com o objetivo inicial de entreter.

6.2 2º episódio – Autoestima 49:41 e 17:15

O segundo episódio se inicia seguindo a mesma estrutura do episódio inicial da trama logo já sabe que há um padrão que irá ser seguido nos episódios futuros.

A cena de abertura já nos avisa qual problema Otis precisará resolver, ou pelo menos ajudar. O casal de estudantes, Sam e Kate, estão em um quarto escuro, nas preliminares de uma relação sexual. Notamos que há desejo mútuo pelo momento, mas com a falta de luz, não existe uma sincronização do casal, que se esbarra, se bate e que tenta encontrar uma posição confortável. Todo aquele despreparo acaba levando a um pequeno incidente, Sam e Kate caem da cama, chamando a atenção dos pais do jovem que aparecem no quarto para descobrir o que causou tamanho barulho e acabam vendo o casal de adolescentes despidos.

Apesar de não ser um grande problema ligado a problemas físicos, toda aquela situação causa uma crise no relacionamento dos jovens. Eles já não conseguem mais conversar ou ficarem juntos, apesar dos bons sentimentos que um tem pelo outro.

Neste caso, Otis acaba caindo de para-quedas, mas a situação é muito boa para a sua “carreira de sexólogo”, pois almejando encontrar novos clientes e conseqüentemente, divulgar o seu trabalho, Otis, Maeve e Eric vão até uma festa da popular Aimee para aconselhar os colegas de forma gratuita. No decorrer do episódio, Otis, que está se sentindo pressionado, vai até ao banheiro e encontra Kate com um colar cervical, sentada na banheira sozinha. Logo a garota desabafa que o namorado pediu para transar com as luzes acesas, mas ela não aceitou pois não queria que ele a olhasse pelada, pois se acha repugnante. Não demora muito para que Sam apareça, e logo de cara os dois começam a discutir.

Kate acusa que Sam não a escuta e ele rebate dizendo que apenas quer ter relações sexuais como uma pessoa normal. Percebendo o aborrecimento existente entre os dois, Otis os coloca de costa um para o outro, iniciando, assim, a terapia, conforme mostra a Figura 02:

Figura 02 – Kate e Sam listam as qualidades um do outro



Fonte: <http://twixar.me/pRLT>.

O jovem diz ao casal que precisa se estabelecer uma comunicação clara e ao mesmo tempo, que os dois se escutem.

Otis passa então trabalhar a autoestima dos dois, principalmente a de Kate. Ele pede que ambos listem três coisas que gosta um no outro, e depois pede que Kate fale cinco coisas que gosta em si mesmo. A garota fala sobre o seu cabelo cacheado, que é boa em jogar hóquei, que

faz *dumplings* do zero, que gosta da sua memória fotográfica, que consegue adivinhar a nacionalidade de qualquer pessoa pelo andar. Com isso, Otis pergunta a ela como irá acreditar que Sam gosta dela já que não gosta de si mesma. O momento é essencial para despertar a confiança dos dois, principalmente a de Kate.

O problema que atinge a personagem e que está ligado a sexualidade, a autoaceitação e com a problemática dos padrões de beleza, são tópicos presentes no cotidiano de várias garotas e garotos, pois não se restringe apenas ao sexo feminino.

Quando não há uma boa ideia sobre si mesmo e sobre o seu corpo, acontecimentos como esses são comuns na vida de adolescentes e jovens, que estende suas inseguranças para os seus relacionamentos, sejam amorosos ou não.

Ter como exemplo o *case* de Kate para dialogar sobre autoestima, respeito ao parceiro e relacionamento é de extrema importância nessa fase da vida, momento em que as inseguranças são mais latentes. Utilizar a situação para estimular uma conversa horizontal sobre aceitação e medo, principalmente medo do que o outro pensa sobre você, torna o processo educacional mais aberto e, conseqüentemente, democrático. Há, então, a criação de um espaço plural, com visões de mundo diferentes sobre o assunto, contribuindo para o estabelecimento do diálogo.

A adolescência é uma fase na qual diversas mudanças físicas estão acontecendo. O aumento de peso, a mudança da voz e as espinhas são processos que precisam ser debatidos e explicados. E entrar no assunto com uma cena dialógica entre iguais (três adolescentes conversando e descobrindo coisas juntos) e realista, pois apesar de ser produzida em outros países, em outro contexto, a carga dramática e a história de Kate e Sam é encontrada facilmente em outras sociedades que não britânica¹⁴.

Relacionando o trecho com uma das seis áreas da Educomunicação, podemos atribuir à cena a área da “Educação para a Comunicação”, que tem como ponto de partida os estudos de recepção. Nesse caso, entender como os adolescentes e jovens abstraem os conselhos pontuados por Otis e toda a complexidade do caso. Esta área, segundo Soares (2002a, p. 21):

[...] aponta, na verdade, para três tendências, a saber: a vertente moralista (que parte da defesa contra o impacto negativo dos meios), a vertente culturalista (que busca garantir aos educandos os conhecimentos necessários para que os mesmos adquiram o hábito de ler de forma adequada as mensagens dos meios), e a vertente dialética (que parte dos estudos das relações entre os receptores e os meios de comunicação, a partir de uma reflexão que leva em conta o lugar sócio-político-cultural em que se encontram os receptores e os produtores).

¹⁴Aqui se faz uma ressalva para ratificar o entendimento deste estudo sobre o processo eurocentrista colonizador cultural do mundo. Entendemos que outras realidades de jovens e adolescentes podem ser bastantes diferentes, mas assumimos aqui a condição de que esta realidade específica da série também o é semelhante a muitos contextos.

Aplicando tais vertentes à história de Kate e Sam, a exibição da trama para a discussão de sexualidade se encaixaria na vertente culturalista (Protocolo Cultural), pois além de colocar em debate o drama da história, ainda poderia ser apontado todo o significado do enredo de Kate em relação aos padrões de beleza e o que se passa na mídia. De forma que a conversa estabelecida construísse um fluxo mais amplo, entendendo que a insegurança em relação ao seu corpo ou a sua personalidade, não é apenas um sentimento natural, mas também é estimulado pelos padrões estabelecidos e pregados, principalmente, pelos meios de comunicação. Com isso, educadores estarão promovendo um entendimento mais amplo e ao mesmo tempo específico, pois mostra todo um cenário e vai até o cerne da questão.

6.3 4º episódio – Homossexualismo 46:55, 40:12, 19:03 e 05:17

Tanya e Ruthie são amigas há muito tempo. Tendo várias coisas em comum, as duas descobrem a sua atração pelo mesmo sexo na mesma época, o que acaba gerando uma situação complicada para as duas, já que Tanya acredita que, por gostarem de meninas, elas devem namorar.

Apesar de manterem o romance, na vida sexual nada vai bem. Neste episódio, a cena inicial mostra o casal tendo relação sexual, mas não está sendo um momento agradável para nenhuma das duas, já que parece que não há um encaixe, principalmente da parte de Ruthie, que não esconde o seu descontento.

Para resolver o problema, Tanya, que demonstra está apaixonada, pede ajuda para Otis, que em um primeiro momento não consegue entender o que se passa, mas que acha que o verdadeiro problema não é apenas a vida sexual das duas, mas no relacionamento afetivo. Mesmo assim, o jovem pede que as jovens pratiquem alguns exercícios para melhorar o entrosamento entre elas, conforme mostra a Figura 03:

Figura 03 – Tanya e Ruthie procuram a ajuda de Otis



Fonte: <http://twixar.me/DYLT>.

Após várias pesquisas sobre o assunto, Otis acaba flagrando, sem querer, Ruthie beijando outra garota. Desta forma, ele resolve a colocar contra a parede, fazendo assim, que a garota desabafe o que realmente está acontecendo.

Ruthie diz que gosta de Tanya, mas que não acha certo o namoro com ela, pois as duas sempre foram melhores amigas e por se descobrirem homossexuais ao mesmo tempo, elas acabaram que confundiram amizade com amor romântico. Ruthie também enfatiza que consegue se relacionar muito bem com outra garota, que a relação flui, o contrário com Tanya. Otis então aconselha que ela diga a verdade para a amiga, por mais que seja doloroso, sempre é o melhor caminho.

Só pelo fato de trazer para o debate um casal lésbico, o episódio ganha um fôlego educativo transdisciplinar. A descoberta da sexualidade acontece, geralmente, no período da adolescência, momento de descobertas. As dúvidas sobre como é a vida sexual de um casal homoafetivo, como se relacionar com outra pessoa são frequentes. E além de expor essas inseguranças, o drama de Ruthie e Tanya pode servir como gancho para falar sobre a homossexualidade e as questões que envolvem as orientações sexuais: os afetos, a cumplicidade, fidelidade, relacionamentos abertos, como deve ser a proteção, os cuidados,

quais as doenças sexuais podem ser transmitidas, se é necessário usar preservativo. Todos esses tópicos precisam ser abordados quando se fala sobre educação sexual, ampliando a discussão para todas as identidades de gêneros e orientação sexual, não reduzindo a sociedade apenas no padrão hétero normativo CIS.

O uso do episódio na prática docente para a abordagem da sexualidade homoafetiva, encaixa-se na vertente da “Pedagogia da Comunicação”, intervindo na relação de professores e alunos por meio de uma metodologia participativa, podendo se estender para a criação de projetos que abordem a temática, como destaca Almeida (2016, p. 20):

Usar a pedagogia da comunicação consiste em promover a construção de conhecimento por meio da comunicação dialógica e da relação entre as pessoas, utilizando estratégias que impulsionem a interação em uma comunidade de aprendizagem, incentivando a participação de todos. É também comunicar-se bem, usando recursos que facilitem a compreensão dos assuntos em pauta. Adotar a pedagogia da comunicação é ser verdadeiro, evitando pregar uma ideia e não colocá-la em prática.

E se comunicar por meio do audiovisual, facilita aos professores a abordagem do assunto, desconstruindo o medo e a timidez de falar sobre sexo, principalmente para adolescentes, os informando para protegê-los; objetivo semelhante do protocolo cultural. É necessário enfatizar que esses jovens já teriam acesso ao seriado por meio da internet, mas por não se aprofundar totalmente no tópico, o conhecimento adquirido seria raso, diferente de uma abordagem educativa feita por um profissional que entendesse de metodologias específicas e didática.

6.4 5º episódio – Revenge Porn 46:47, 42:54, 18:38, 14:45 e 04:05

A abertura do quinto episódio é diferenciada das demais, mas ainda segue um padrão. Somos apresentados a Ruby, personagem recorrente da série. A adolescente é temida por todos, até pelos seus amigos, por causa do seu jeito arrogante e das suas maldades.

Todo esse pavor em torno de Ruby é perceptível nos segundos iniciais do episódio. Os murmurinhos quando chega a escola e quando destrata a melhor amiga por causa de uma bolsa falsificada, já deixa claro que o problema de hoje gira em torno da sua pessoa, mas só conseguimos perceber isso minutos depois.

Quando Ruby chega a escola para mais um dia de aula, observamos mais uma de suas maldades, quando fala para Harriet, uma garota que não se encaixa nos padrões de beleza, que o atleta do time tem sentimento por sua pessoa e que seria legal se ela o convidasse para o baile. Harriet, que acredita nas palavras de Ruby, faz o convite na frente do time e acaba sendo motivo de chacota.

A adolescente parece não se arrepender, mas logo o assunto é esquecido quando todos recebem a foto de uma vagina seguida de uma ameaça: “Peça desculpa por ser uma vaca na reunião de amanhã, ou mando a foto com o seu resto. Você sabe quem é”. A imagem da vagina se torna viral no colégio e todos riem da aparência do órgão sexual, inclusive os amigos de Ruby e ela própria.

Todo esse episódio gera curiosidade no espectador em saber quem é a menina da foto e quem está a ameaçando, dúvida que logo é sanada quando Ruby, talvez por se sentir mais confortável em desabafar com uma menina que não é do seu círculo social, procura Maeve, dizendo que a vagina da foto é sua.

Ruby, que sente medo, pois o crime virtual além de devastador para todos ainda tem uma carga muito maior quando tem como vítima uma pessoa do sexo feminino, por causa de todo moralismo em torno da mulher e da imagem que ela deve ter na sociedade, pede ajuda de Maeve para descobrir quem é o autor do bullying e até oferece dinheiro para a personagem que sempre tratou mal. Maeve então diz que vai ajudar, de forma gratuita, pois já passou pela a mesma situação quando inventaram uma mentira sobre a sua vida sexual.

Otis, também recebeu a imagem, fala que é impossível ajudar Ruby e que ela deve procurar a polícia, pois como já citamos anteriormente, o que estão fazendo com ela é um crime virtual. Porém, Maeve diz que se divulgarem o restante da imagem, que irá aparecer o rosto de Ruby, será um dano devastador para a vida da jovem, que nunca mais será a mesma.

Após irem a procura dos possíveis garotos que Ruby mandou a imagem, Maeve chega a conclusão de que a pessoa que está chantageando a adolescente pode ser uma menina que por ter sido humilhada por Ruby, esteja querendo se vingar. Então, Maeve pergunta a ela quem tem a senha do seu celular e Ruby diz que além dela, apenas a sua fiel e companheira amiga Olívia.

Com todos os indícios apontando para ela, Olívia decide assumir a autoria da chantagem e explica que fez aquilo porque já não aguentava mais ser destrutada por Ruby ou ter que escutar seus comentários maldosos a respeito do seu corpo, das suas roupas e o do seu estilo de vida.

Otis então assume o papel de terapeuta. Pontuando o quão maldosa e horrível foi a atitude de Olívia e que Ruby não precisa falar sobre os defeitos das pessoas o tempo todo, às vezes você só precisa apoiar o seu amigo, independente do que você acha.

Apesar do pedido de desculpas de Olívia, Ruby decide não perdoar à amiga.

Nos minutos finais do episódio, o diretor da escola convoca todos os alunos para falar sobre o ocorrido e neste momento temos uma cena carregada pela sororidade. Após vários alunos presentes no auditório comentarem que a vagina da foto é de Ruby e que o órgão é horrível, por ter lábios grandes, Olívia decide falar para todos que a vagina é sua, depois Maeve

levanta e diz que a vagina também é sua, frase que começa a ser dita por todas as meninas do auditório, inclusive Ruby, conforme a Figura 04:

Figura 04 – Ruthie se junta ao protesto das meninas do seu colégio contra a divulgação de imagens íntimas



Fonte: <http://twixar.me/7YLT>.

Em uma era que *Revenge Porn* (divulgar as imagens íntimas de alguém com o intuito de ferir e se vingar da pessoa), está em alta, é de extrema importância falar sobre crimes virtuais e as sequelas causadas por eles. Além do mais, este episódio e todas as cenas envolvendo o caso de Ruby também colocam em debate problemas recorrentes nessa faixa etária, o bullying e o padrão de beleza imposto à genitália feminina.

Com o grande espaço que a internet vem ocupando em nossas vidas, principalmente a vida de adolescentes, a orientação sobre a exposição de imagem tanto sua quanto a do outro, é um tópico que já está sendo discutido nas escolas, por causa do grande número de casos, mas não o suficiente para educar as pessoas a não baixarem nem compartilharem esse tipo de conteúdo. Porém, exemplificar com histórias que são contadas por meio do jornal, principalmente, nem sempre consegue ter um efeito positivo com os jovens.

Como estamos apontando desde o início da análise, a linguagem tem um papel importante na absorção do assunto. A criação de personagens também. As escolas estão recheadas de “Rubys”, que criticam o tempo todo as outras pessoas, as colocando para baixo, mas que também sofrem por ter imagens íntimas divulgadas. Também encontramos “Olívias”, que por não conseguir expressar o seu descontentamento, parte para métodos ilegais e inconsequentes, não enxergando a gravidade de suas ações.

Conversar sobre isso, principalmente com as meninas, já que socialmente há uma espécie de rixa entre elas que é instigada em novelas, filmes, músicas e por pessoas que pregam que as mulheres precisam ser inimigas e competirem, é também abordar a sororidade, que segundo Tinoco (2016, s.p.) é “[...] uma aliança entre as mulheres baseada na empatia e no companheirismo”. Debater o feminismo, tanto o seu contexto histórico, quanto as suas ações na atualidade, traz para a discussão opiniões diversas sobre o comportamento da mulher na sociedade contemporânea e os tabus que precisam ser quebrados. Dessa forma, as meninas precisam do diálogo que a libertem da competição entre si, mas os meninos também necessitam desse processo educativo, uma vez que, o machismo estrutural que atravessa a história da humanidade, acaba gerando consequências desastrosas não só para mulheres (embora sejam elas as principais vítimas).

Neste mesmo sentido, é preciso abordar socialmente e biologicamente as formas do órgão sexual feminino. Todas as construções sobre o corpo feminino têm impactos diversos no psicológico da mulher, como observamos na análise do segundo episódio. E esse tópico também envolve os meninos, que por terem uma visão de mundo que teve intersecção do mundo pornográfico, criam e exigem um ideal inexistente e falso.

Partindo dessa premissa, o episódio aqui analisado intervém no processo de absorção das mídias tecnológicas, fazendo parte, assim, da área de “Mediação Tecnológica na Educação”, que se “preocupa com a presença das tecnologias como elemento interveniente nas mediações culturais que mobilizam a sociedade, com influências nos modos de perceber o mundo e de produzir cultura” (SOARES, 2014, p.12).

Criando um espaço baseado na reflexão e no uso das tecnologias, o processo educacional nesse episódio estimula o uso crítico de aparelhos eletrônicos e promove a reflexão sobre o comportamento social, trazendo à luz questões do feminismo e da legislação, quando aborda crime virtual e padrões estéticos.

6.5 6º episódio – Masturbação 35:26 e 22:20

Diferente dos outros episódios até aqui analisados, que se iniciam com o caso que Otis precisará resolver, o problema deste episódio só será apresentado minutos depois, quando Aimee, que está namorando um novo garoto, Steve, pede para Maeve agendar uma consulta para ela.

Aimee conta a Otis que estava tendo relação sexual com o namorado, mas que ele não estava gostando, pois para ele Aimee estava fingindo sentir prazer, e assim perguntou para ela o que ela realmente queria na hora H.

Sem saber sobre os seus desejos, Aimee conta a Otis que nunca lhe perguntaram algo tipo, ficando em dúvida sobre as suas vontades. Otis então aborda a masturbação, e pergunta a garota o que ela gosta quando se toca. Aimee é ríspida e diz que nunca se masturbou, que sempre teve namorado. Tentando aconselhar a adolescente, Otis então explica que a masturbação é algo normal e que é comum as mulheres se sentirem mais culpadas que os homens em relação a essa ação, pois o assunto é pregado como algo sujo, sendo um tabu na sociedade. Desta forma, indica que Aimee experiente tocar em seu corpo, para descobrir o que lhe faz bem. Inicialmente Aimee fica receosa, mas acaba sentindo prazer, conforme a Figura 05:

Figura 05 – Após conversar com Otis, Aimee decide conhecer o próprio corpo



Fonte: <http://twixar.me/1PLT>.

Com as mudanças físicas e biológicas, a primeira sensação de prazer causada pelo toque é por meio da masturbação. Meninos e meninas passam a conhecer o seu corpo, que com a explosão hormonal, sentem a necessidade de se auto explorar, práticas que não podem ser condenadas, pois a sexualidade e o sexo fazem parte da vida do ser humano, e quanto mais cedo falar sobre isso, melhor para a qualidade de vida do homem, que não se sentirá culpado por se tocar e entenderá que todos esses sentimentos fazem parte de um processo que os guia para a vida adulta, como explica Brêtas *et al.* (2011, p. 3224):

Para aliviar a tensão sexual na adolescência, os jovens recorrem à masturbação, que é uma prática que produz a sensação de alívio sexual à tensão e tem uma função gratificante. Mas jovens que chegam antes à plena maturação física e psíquica não se contentam mais com a masturbação e não conseguem mais sufocar o intenso desejo de se relacionar sexualmente, assim deparamo-nos com um problema delicado e complexo, momento em que a orientação sexual faz-se necessária.

A orientação surge então como um momento de reflexão e cuidado para este adolescente que se encontra perdido em seus sentimentos, os guiando em novas descobertas e os ajudando a entender o que é mito e o que é verdade. No caso de Aimee, percebemos que a adolescente não conhecia o seu próprio corpo e por isso mantinha relações sexual com o namorado de forma aparente e encenada, situação comum, principalmente com as mulheres, que se sentem estranhas e erradas por não sentirem prazer no sexo, problemática que também envolve o parceiro.

Desta forma, olhando pelo viés educacional, as cenas de Aimee na educação sexual de jovens e adolescentes é uma intervenção e “Expressão através da Arte”, utilizando o audiovisual como forma de expressão para a abordagem da masturbação e prazer feminino. Tendo a comunicação artística como ferramenta de ensino, a utilização da arte constrói uma relação de confiança entre o educador e educando, além de “de garantir espaços de fala, visibilidade e livre expressão para cada um dos sujeitos sociais” (SOARES; MACHADO, 1999, p. 16), estabelecendo assim, um fluxo dialógico que desperta nos indivíduos uma participação intensa no processo de aprendizagem.

6.6 7º episódio – Não é Não 51:13, 48:45 e 12:09

Voltando a seguir um padrão, o episódio se inicia com Liam indo entregar um bolo confeitado com a frase “quer ir ao baile comigo?” na casa de Lizzie. A garota lê a mensagem e joga o bolo fora, ignorando o pedido de Liam. Sem saber como conquistá-la, Liam decide pedir a ajuda de Otis, o informando de todas as vezes e formas que tentou se declarar para Lizzie nunca tendo sucesso.

Otis é enfático ao dizer que a Liam que se o seu pedido foi recusado, é melhor que ele a deixe de lado e siga a sua vida, pois respeitar a vontade do outro é essencial. Liam insiste dizendo que há algo especial entre os dois e que talvez Lizzie não tenha entendido as suas declarações, mas Otis o aconselha a desistir, pois o seu comportamento já está sendo inadequado e mais uma vez repete “não é não”, conforme a Figura 06:

Figura 06 – Otis aconselha Liam a desistir de Lizzie e respeita a resposta da garota



Fonte: <http://twixar.me/JPLT>.

No dia do baile, Liam ingere droga e perde o controle sobre si, subindo em um lugar alto no salão de festas e ameaçando se matar, já que Lizzie não o ama. Otis novamente conversa com o garoto e deixa claro que a vida é feita de rejeições, mas que um dia ele irá encontrar alguém que goste dele e assim terá um relacionamento recíproco. A fala de Otis até o ajuda, mas o garoto acaba caindo sem querer e apenas se machuca.

Não podemos negar que o respeito sobre o desejo do outro, principalmente das mulheres tem sido debatido ativamente em todos os lugares. Em uma sociedade na qual a taxa de feminicídio é alta, principalmente por parte de ex-companheiros ou homens que atravessados pelo machismo e misoginia se sentem no direito de querer ter poder sobre vida e morte das mulheres, educar adolescentes e jovens sobre assédio é uma pauta necessária para a desconstrução desse machismo e para a construção de uma sociedade mais igual entre as diversas identidades de gênero.

Na adolescência também é bastante comum que o sentimento de rejeição desencadeie depressão, ideação suicida ou comportamentos agressivos. A resposta contrária do outro gera um sentimento de tristeza sobre si, culpando os seus defeitos, não entendendo que é um processo normal. Nem sempre despertamos interesse no outro, mas isso não quer dizer que somos ruins ou que devemos mudar por completo para agradar ou se encaixar nas perspectivas desse outro. E é essa compreensão que precisa ser atingida por esses adolescentes, que estão em uma fase de descobertas do mundo e de si.

Remetendo o assunto ao machismo, o assédio é um problema estrutural que está ligado a diversos fatores também problemáticos, como a objetificação da mulher. Por crescer em uma sociedade machista e que continua perpassando pensamentos patriarcais, a rejeição para o homem é algo que fere o seu ego e a sua masculinidade, pois acha que a mulher deve ser submissa a ele, fazendo os seus gostos e correspondendo aos seus desejos.

O assédio moral pode perpassar o mundo fisicamente e ser colocado em prática no meio virtual com mensagens, fotos e perseguições nas redes sociais. Infelizmente, é uma realidade presente na vida de muitos, principalmente das mulheres, que desde crianças estão expostas a crimes sexuais.

Assim, a abordagem da temática em sala aula ocorre por meio da “Produção midiática”, sexta área de intervenção da Educomunicação. Este campo consiste na explicação de assuntos utilizando meios comunicacionais, criando linguagens diferentes e acessíveis, e que

deve envolver o público alvo, usar seu vocabulário e componentes do seu cotidiano, sendo feito a partir de uma perspectiva participativa e assegurando o uso de estratégias que promovam a interação e a livre expressão do público alvo. (ALMEIDA, 2016, p. 15).

Neste sentido, apesar de ter um caráter de entretenimento, o episódio analisado, assim como os outros, tem um grande potencial educacional, por permitir a introdução de assuntos ligados a sexualidade, a partir do audiovisual, no meio educativo.

6.7 8º episódio – Virgindade 52:25, 38:11 e 26:53

Em um cenário inusitado, o episódio se inicia no quarto de Lily, que está com a decoração ligada ao mundo espacial, e que está tentando perder a virgindade com o seu namorado. Almejando ter a sua primeira relação sexual, a adolescente e o seu companheiro não entendem o motivo de não conseguirem realizar o ato, pois no momento da penetração além de Lily sentir dor, o pênis não penetra em sua vagina.

Otis diz que talvez Lily, ao gostar de estar no controle da situação, esteja com medo e inconscientemente está impedindo o seu progresso na relação sexual, situação que Lily não entende, já que deseja ter a sua primeira vez.

Para resolver o problema, Otis leva a Lily até uma colina e pede que ela a desça de bicicleta, pois acredita que a menina tem vaginismo, uma reação automática do corpo ao medo de penetração vaginal, tendo medo de se soltar. Desta forma, a descida da colina a ajudará enfrentar os seus medos, conforme a Figura 07:

Figura 07 – Otis e Lily descem colina como exercício de busca da confiança interna



Fonte: <http://twixar.me/MPLT>.

Após a descida, Lily se sente mais confiante, mas Otis a questiona o porquê dela querer tanto transar, agindo desesperadamente. A adolescente responde que se sentirá ultrapassada pelos amigos e que por isso terá mais chances de ficar sozinha. Otis diz que Lily precisa ter calma, que não pode pular suas etapas e mesmo que alguns adolescentes já tenham transado, isso não quer dizer que ela precise fazer isso agora.

Perder a virgindade é uma das primeiras pressões sexuais que os adolescentes sofrem quando atingem uma determinada idade. Ter contato íntimo com alguém é algo desejável e quando o ato é feito, existe certa admiração por essa pessoa, significa que a infância foi deixada de lado e atingiu a “idade adulta”.

Toda essa tensão e ansiedade geram medo e também curiosidade. Meninas são pressionadas pelos companheiros e esses mesmos companheiros são pressionados pelos amigos e algumas etapas são eliminadas sem necessidade, apenas para manter uma imagem de popularidade e maturidade, o que nem sempre é verdade.

Discutir a primeira relação sexual, como outros temas relacionados a sexualidade, é um processo difícil e delicado, que envolve tradições e religiosidades. Apesar de já ser visto como algo ultrapassado, ainda existem aqueles que defendem que o sexo só possa ser realizado depois do casamento, já outros acham que é um assunto para os adultos e que os adolescentes são crianças que não precisam saber ou praticar tal ato.

Visto por meio desta perspectiva, abordar o assunto em sala de aula é como andar em uma corda bamba, é necessária cautela, principalmente para não “ofender” a honra de alguém ou os pais desses jovens. Pois são visões de mundo complexas e diversificadas, mas isso não significa que o silêncio é a melhor forma maneira de agir quando se trata desses assuntos.

O medo que Lily estava sentindo e os sinais que o seu corpo estava emitindo são condições biológicas de um problema que há solução. Ligado ao medo, estresse e também a contextos sociais como a religião e crenças, muitas mulheres sentem dor na hora do sexo por causa de uma condição ligada ao seu subconsciente. Abusos, traumas e repressão sexual são alguns fatores que causam esse distúrbio.

Assim, este último caso analisado, pode ser um recurso utilizado no diálogo entre educador e educando, que explora novas referências didáticas para mediar um encontro educativo, explorando qualificações que despertem o interesse do aluno e a sua criatividade, exercendo, desta forma, uma “Pedagogia da Comunicação” que utiliza recursos midiáticos presentes na vida dos educandos.

Todos os episódios aqui analisados se encaixam (uns mais e outros menos de forma prioritária) nas seis áreas de intervenção da Educomunicação, que acaba sendo inerente uma a outra. Porém, apenas uma dessas seis áreas não foi abordada nas análises, o campo da “Epistemologia da Educomunicação”, pois por ser voltado a propriedade científica do termo e, portanto, a teóricos da interdisciplinaridade, acaba sendo uma área bastante restrita ao de interesse acadêmicos. “Nesta área de intervenção analisa-se a origem, a natureza e a validade do conhecimento sobre educomunicação para a sociedade.” (ALMEIDA, 2016, p.14). Assim, embora esse campo não tenha sido identificado de forma prioritária em uma cena ou episódio específico, ele atravessa todo esse trabalho.

Apesar de termos analisados alguns trechos selecionados, momentos que podem explicar e deixar mais óbvio o processo educacional entre o personagem principal Otis e os demais personagens que se relacionam diretamente com ele e compõem o enredo principal de cada episódio, é importante ressaltar que este processo é muito mais abrangente e se estende para todo o enredo do seriado de uma forma mais ampla.

A construção dos personagens e os dramas vividos por eles, também são aspectos ligados a realidade principalmente da adolescência. Otis, que é considerado um bom filho e um bom aluno, tem problemas com a mãe Jane, uma relação que está estremecida por falta de confiança e pela invasão de privacidade. O garoto se sente sufocado pela mãe que, por ter apenas um filho, se sente abandonada, por já não ocupar um grande espaço no cotidiano do

filho, que aos poucos vai construindo a sua vida e novas relações, como o primeiro namoro, as primeiras festas e novas amizades.

Também encontramos o caso de Eric, gay, negro, de família tradicional e religiosa. O garoto gosta de vestir roupas diferentes e usar maquiagem colorida. Eric, que é gay assumido, sofre homofobia na escola e o *bullying* diário, como o furto do seu lanche e piadas agressivas sobre o seu jeito de ser. Em casa, aos poucos o pai vai aceitando a escolha sexual do filho, mas sempre temendo que ele seja rejeitado pela sociedade. Essa rejeição, de forma mais violenta, acaba acontecendo, quando Eric, fantasiado de uma personagem, é espancado na volta para casa, drama que envolve não só a homofobia, mas a confiança que tem no seu amigo Otis e no apoio que encontra no pai. Outro momento que também merece destaque, é quando Eric resolve ir vestindo roupas femininas no baile da escola. O pai deixa o filho e em uma conversa emocionante, fala sobre aceitação, respeito e amor.

A necessidade de se pensar o processo educacional também perpassa por Adam, que no primeiro episódio fala sobre não sentir prazer quando transa com a namorada, sentimento que vamos entender ao longo da trama, quando se envolve com Eric, deixando claro que as suas inseguranças e o seu jeito violento, fazem parte de um Adam, que até então, pode ser considerado bissexual, mas que não aceita esses sentimentos, principalmente por causa do pai, um homem rigoroso, que com uma carga histórica militar, trata o filho como um soldado, criando regras e não demonstrando carinho, o que o faz se afastar cada vez mais da relação pai e filho.

Essas situações e tantas outras podem ser levadas para sala de aula a fim de se construir um debate democrático e diversificado. A dialogicidade pode se tornar presente cada vez mais quando se há recursos e abordagens diferentes, que envolvem o educando nas temáticas enquanto cria um ecossistema plural.

Desta forma, “*Sex Education*” surge como uma ferramenta que promove uma didática diferenciada e introdutória de temas sobre a sexualidade, e mesmo tendo como objetivo o entretenimento, fica posto que as situações aqui apresentadas, possuem diferentes viés, como o lado cômico, dramático e também educacional.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização do audiovisual como objeto para a abordagem da educomunicação e sexualidade com adolescentes e jovens é um processo que incentiva um aprendizado baseado no diálogo, autonomia e na participação.

Este trabalho possibilitou uma análise do seriado britânico “*Sex Education*” de como o seu enredo pode se relacionar com a Educomunicação, ao passo que entretém os espectadores; ação que faz parte dos seus principais objetivos. Com uma linguagem contemporânea e personagens humanizados, os dramas aqui analisados carregam um tom informal, aproximando quem assiste de temas, até então considerados tabu.

Abordar a sexualidade, que é inerente ao ser humano, é essencial para o conhecimento do ser sobre si e também sobre o outro, expandindo a sua visão de mundo.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, percebeu-se que apesar de ser considerado um campo recente, a área da Educomunicação está presente na educação do ser humano há bastante tempo. Ganhando fôlego com os movimentos sociais e sendo explorada por grandes pensadores da Pedagogia e Comunicação, a sua inserção nas escolas ainda tem encontrado problemas pertinentes, o que impede seja colocada em prática integralmente. A concepção errada do que é a Educomunicação por parte de educadores, que limitam-se apenas em manusear por algumas horas aparelhos eletrônicos, como TV e computadores; a falta de oportunidade para o acesso a internet e a continuação de um ensino rígido e com metodologias que não exploram o diálogo e a diversidade em sala de aula são questões discutidas intensamente por teóricos que buscam ampliar e pluralizar a interdisciplinaridade em um meio contemporâneo e plural. Esses conflitos, que ganham destaque dentro de uma longa lista, fazem parte de um processo de mudança que lentamente vai alcançando novas dimensões sociais e educativas.

Entende-se que a sexualidade faz parte do ser humano e está presente em seu cotidiano com diversas nuances. A sua recepção pela sociedade, que possui todo um contexto histórico com traços de religiosidade, tem acontecido de forma demorada e ainda encontra pessoas que defendem que a sua abordagem não é necessária, principalmente nas escolas.

Por ter um papel fundamental na vida do ser humano, as instituições de ensino além de os preparar para a vida acadêmica, ainda os prepara para a sua integração e desenvolvimento social. Desta forma, compreendemos que falar sobre sexualidade, de ter uma educomunicação sexual presente em seu currículo é indispensável para a formação dos educandos, principalmente se estes forem adolescentes e jovens, fase de descobertas do mundo adulto e do

seu próprio corpo. Porém, apesar de ter conseguido o apoio governamental que defende a sua abordagem transversal, perpassando por várias disciplinas, por meio de documentos das diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a adoção do tema ainda não se faz presente por completo nas salas de aula das instituições brasileiras.

O que se percebe é um receio, tanto pelo corpo docente e responsáveis dos alunos, que dificulta temas que vão além de doenças sexuais transmissíveis e formas de proteção sexual. Feminismo, machismo, orientação sexual, gênero, *revenge porn* são alguns tópicos que causam certo medo nos professores, que também constituídos de tradições, não sabem como abordar a educação sexual, criando, assim, um campo mecânico.

Por estar presente no dia a dia das pessoas, o audiovisual torna-se uma ferramenta acessível para um processo educacional. Apesar de sabermos que a Educomunicação não se resume apenas em tecnologia, com a sua força e presença no mundo contemporâneo é impossível não utilizá-la para a construção de um ensino inovador e dialógico, principalmente quando fazemos uso de sistemas comunicativos.

A contação de histórias assume um papel que aproxima os espectadores de sentimentos e compreensões que ocorrem pela recepção de um arco narrativo e ações de personagens, que quando humanizados, os remetem a problemas e situações cotidianas.

Assim, cabe destacar que a utilização da série “*Sex Education*” como intermediadora do ensino de educação sexual para jovens e adolescentes, assume uma função educativa baseada em um ecossistema comunicativo informal e contextual, pois a sua linguagem e os personagens que constituem a trama, provocam identificações com o seu público alvo, realizando assim, um processo educacional real, pois contém elementos do cotidiano desses jovens, e dialógico, promovendo a troca de ideias e ampliação de visão de mundo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. B. C. **Projetos de Intervenção em Educomunicação**. 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4615056/mod_resource/content/1/Projetos%20de%20Interven%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 10 set. 2019.
- APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2009.
- AQUINO, C.; MARTELLI, A. C. Escola e Educação Sexual: uma relação necessária. *In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL*, 9., 2012, Caxias do Sul. **Anais** [...]. Caxias do Sul: IX Anped Sul, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1105/800>. Acesso em: 28 out. 2019.
- BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Orientação Sexual**. Brasília, DF: Ministério da Educação, [200-?]b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Novo Mais Educação Caderno de Orientações Pedagógicas – Versão I –**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70831-pnme-caderno-de-orientacoes-pedagogicas-pdf/file>. Acesso em: 08 nov. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Saiba Mais - Programa Mais Educação**. Brasília, DF: Ministério da Educação, [200-?]a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao?id=16689>. Acesso em: 08 nov. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **TV Escola**. Brasília, DF: Ministério da Educação, [200-?]c. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/tv-escola>. Acesso em: 05 out. 2019.
- BRÊTAS, J. R. S. *et al.* Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 7, 3221-3228, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n7/21.pdf>. Acesso em: 09 out. 2019.
- BRITO, I. Ansiedade e depressão na adolescência. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, Lisboa, v. 27, n. 2, p. 208-214, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.32385/rpmgf.v27i2.10842>. Acesso em: 28 out. 2019.
- CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. G. C.; GOMES, R. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n2/12413>. Acesso em: 28 out. 2019.
- CÉSAR, M. R. A. Gênero, Sexualidade e Educação: notas para uma “Epistemologia”. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602009000300004. Acesso em: 28 out. 2019.
- CHAUÍ, M. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CITELLI, A.; COSTA, M. C. C. (org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

- COGGIOLA, O. L. A. **Governos Militares na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2001.
- COUTO, D. P. Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 11, n. 1, p. 1-10, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v11n1/04.pdf>. Acesso em: 28 out. 2019.
- CRUZ FILHO, M. N. **A Educomunicação no Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil**: aprendizagem em perspectiva. 2018. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: doi:10.11606/T.27.2018.tde-26122018-141718. Acesso em: 04 out. 2019.
- DEL PRIORE, M. **Histórias íntimas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.
- DOMINGUES, M. R. C.; DOMINGUES, T. L. C. Adolescência: mudança e definição. *In: I ENCONTRO CIENTÍFICO E I SIMPÓSIO EM EDUCAÇÃO*, 1., 2007, Lins, SP. **Anais** [...]. Lins, SP: UNISALESIANO, 2007. Disponível em: <http://www.unisalesiano.edu.br/encontro2007/trabalho/aceitos/CC21882553802.pdf>. Acesso em: 25 out. 2019.
- ESPECIAL Tecnologia na Educação - Por que usar tecnologia. [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Porvir Educação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IzsHAIcVxR8>. Acesso em: 08 out. 2019.
- FÍGARO, R. Estudos de recepção para a crítica da comunicação. *In: CITELLI, A.; COSTA, M. C. C. (org.). Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- FIGUEIRÓ, M. N. D (org.). **Educação Sexual**: em busca de mudanças. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009.
- FISCHER, R. M. B. **Televisão & educação**: fruir e pensar a TV. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FOCAULT, M. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. São Paulo: Edições Graal, 1976.
- FONSECA, M. E. M. Religião, Mulher, Sexo e Sexualidade: que discurso é esse?. **Paralellus Revista de Estudos de Religião**, Recife, v. 2, n. 4, p. 213-226, 2013. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/199>. Acesso em: 28 out. 2019.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREITAS, K. R.; DIAS, S. M. Z. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto & Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 351-357, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072010000200017>. Acesso em: 10 out. 2019.
- FREUD, S. **Totem e tabu e outros trabalhos**: (1913~1914). v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- IBGE. **População jovem no Brasil | 1999**. [Rio de Janeiro]: IBGE, [200-?]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9292-populacao-jovem-nobrasil.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 09 out. 2019.
- JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KAPLÚN, M. Processos Educativos e Canais de Comunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 14, p. 68-75, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i14p68-75>. Acesso em: 22 ago. 2019.

KAPLÚN, M. **Una pedagogia de la comunicación**: (el comunicador popular). Madrid: Editorial Caminos, 2002.

KULESZA, J.; BIBBO, U. S. A televisão a seu tempo: Netflix inova com produção de conteúdo para o público assistir como e quando achar melhor, mesmo que seja tudo de uma vez. **Revista de Radiodifusão**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 8, p. 44-51, 2013. Disponível em: <http://set6.tempsite.ws/revistaeletronica/index.php/revistaderadiodifusao/article/view/90/97>. Acesso em: 08 nov. 2019.

LIMA, G. L. **Educação pelos Meios de Comunicação**: produção coletiva de comunicação na perspectiva da educomunicação. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29042009-152804/publico/Gracia_Lopes_Lima.pdf. Acesso em: 22 out. 2019.

LIMA, P. C. L. **De olho na tela**: o consumo de séries de TV norte-americanas através da internet. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/05/Monografia-De-Olho-na-tela-O-consumo-de-s%C3%A9ries-de-TV-norte.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

LOURO, G. L. **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MACHADO, A. **A narrativa seriada**: categorias e modalidades. São Paulo: ECA-USP, 1999. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/07d90b8e1b2f8c50b6db754af1bb3a06.PDF>. Acesso em: 07 nov. 2019.

MACHADO, E. S. **Pelos caminhos de Alice**: vivências na educomunicação e a dialogicidade no Educom.TV. 2009. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-31082015-144647/publico/ElianySalvatierraMachado.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

MAROLA, C. A. G.; SANCHES, C. S. M.; CARDOSO, L. M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 33, p. 95-118, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752011000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 ago. 2019.

MÁRQUES, F. T.; TALARICO, B. S. L. U. Da Comunicação Popular à Educomunicação: reflexões no campo da “Educação como Cultura”. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, SC, v. 11, n. 2, p. 422-443, 2016. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/4897/3333>. Acesso em: 08 nov. 2019.

MARQUES, P. C. P.; BORGES, J. J. S. Educomunicação: origens e conexões de uma nova área de conhecimento. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016, Natal, RN. **Anais [...]**. Natal, RN: CONEDU, 2016. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA19_ID9436_16082016200111.pdf. Acesso em: 03 out. 2019.

- MARTÍN-BARBERO, J. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 18, p. 51-61, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i18p51-61>. Acesso em: 07 out. 2019.
- MARTÍN-BARBERO, J. Heredando el futuro: pensar la educación desde la comunicación. **Nómadas (Col)**, Bogotá, n. 5, 1996. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1051/105118998002.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.
- MEIMARIDIS, M. A Indústria das Séries Televisivas Americanas. **Culturas Midiáticas**, v. 10, n. 1, p. 1-16, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-5930.2017v10n1.35037>. Acesso em: 14 out. 2019.
- MELO, R. A.; SOUSA, I. M.; AQUINO, J. R. A construção da identidade nas séries de TV: uma análise da repercussão de 13 Reasons Why. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 19., 2017, Fortaleza, CE. **Anais [...]**. Fortaleza, CE: INTERCOM, 2017. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0867-1.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2019.
- NERY, I. S. *et al.* Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 287-292, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002015000300287&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 25 set. 2019.
- OROZCO-GÓMEZ, G. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 23, p. 57-70, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i23p57-70>. Acesso em: 10 out. 2019.
- PERUZZO, C. M. K. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- PRIORE, M. L. M. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2011.
- RODRIGUES, A. M. E. **Os jovens e a sexualidade**: uma visão construcionista. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação e Intervenção Comunitária) – Faculdade das Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal, 2009. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1571/1/dm_anarodrigues.pdf. Acesso em: 14 out. 2019.
- ROSE, D. Análise de imagens em movimento. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- SCHNEIDER, N. H. **TV Escola na era digital**: trajetória e perspectivas educacionais e culturais. 2010. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010. Disponível em: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/NadiaSchneiderComunicacao.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.
- SERAFIM, L.; SANTOS, A. Representação e representatividade nos espaços de participação cidadã. **Instituto Pólis**, São Paulo, p. 1-6, 2009. Disponível em: <https://www.polis.org.br/uploads/505/505.pdf>. Acesso em: 14 out. 2019.
- SIGMUND, F. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III) 1915-1916**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

- SILVA, V. P. **Mario Kaplún**: La comunicaci3n como actitud de vida. 2001. Dispon3vel em: https://www.infoamerica.org/documentos_word/Mario%20Kapl%FAAn.htm. Acesso em: 23 set. 2019.
- SOARES, I. O. **Do Santo Of3cio 3 Libertac3o**: o discurso e a pr3tica do Vaticano e da Igreja Cat3lica no Brasil sobre a Comunica3o Social. S3o Paulo: Paulinas, 1988.
- SOARES, I. O. Educomunica3o e Educa3o Midi3tica: vertentes hist3ricas de aproxima3o entre comunica3o e educa3o. **Comunica3o & Educa3o**, S3o Paulo, v. 19, n. 2, p. 15- 26, 2014. Dispon3vel em: http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037/pdf_27. Acesso em: 18 out. 2019.
- SOARES, I. O. **Educomunica3o**: o conceito, o profissional, a aplica3o. S3o Paulo: Paulinas, 2011a.
- SOARES, I. O. Educomunica3o: um campo de media3o
- es. *In*: CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (org.). **Educomunica3o**: construindo uma nova 3rea de conhecimento. S3o Paulo: Paulinas, 2011b.
- SOARES, I. O. Gest3o comunicativa e educa3o: caminhos da educomunica3o. **Comunica3o & Educa3o**, S3o Paulo, n. 23, p. 16-25, 2002a. Dispon3vel em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- SOARES, I. O. Metodologias da Educa3o para Comunica3o e Gest3o Comunicativa no Brasil e na Am3rica Latina. *In*: BACCEGA, M. A. (org.). **Gest3o de Processos Comunicacionais**. S3o Paulo: Atlas, 2002b.
- SOARES, I. O.; MACHADO, E. S. **Educomunica3o**: ou a emerg3ncia do campo da inter-rela3o comunica3o/educa3o. Rio de Janeiro: INTERCOM/UGF, 1999. Dispon3vel em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/ba0c6abdb23d015ed86fac876b7f093f.PDF>. Acesso em: 23 set. 2019.
- SOUSA, L. B.; FERNANDES, J. F. P.; BARROSO, M. G. T. Sexualidade na adolesc3ncia: an3lise da influ3ncia de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Acta Paulista de Enfermagem**, S3o Paulo, v. 19, n. 4, p. 408-413, 2006. Dispon3vel em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002006000400007>. Acesso em: 10 set. 2019.
- TINOCO, D. Sororidade, substantivo feminino. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 mar. 2016. Dispon3vel em: <https://oglobo.globo.com/mundo/sororidade-substantivo-feminino-18959230>. Acesso em: 08 out. 2019.
- V3SQUEZ, A. S. **3tica**. 18. ed. Rio de Janeiro: Civiliza3o Brasileira, 1998.
- VIANA, C. E. Educomunica3o, Do Movimento Popular 3s Pol3ticas P3blicas: o percurso acad3mico de Ismar de Oliveira Soares. **Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicaci3n**, S3o Paulo, v. 14, n. 16, p. 238-247, 2017. Dispon3vel em: <https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/view/927/483>. Acesso em: 10 out. 2019.
- WANDERLEY, L. E. Apontamentos sobre educa3o popular. *In*: VALLE, J. E. R.; QUEIROZ, J. (org.). **A cultura do povo**. S3o Paulo: Cortez, 1979.
- YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e m3todos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.